

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE TEOLOGIA



WASHINGTON DA SILVA LEITE

O SACERDÓCIO NAS SAGRADAS ESCRITURAS:
UMA ANÁLISE BÍBLICO-TEOLÓGICA DO SACERDÓCIO DO ANTIGO AO NOVO
TESTAMENTO

GOIÂNIA

2024

WASHINGTON DA SILVA LEITE

**O SACERDÓCIO NAS SAGRADAS ESCRITURAS:
UMA ANÁLISE BÍBLICO-TEOLÓGICA DO SACERDÓCIO DO ANTIGO AO NOVO
TESTAMENTO**

Monografia apresentada ao curso de Teologia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para a conclusão do curso de bacharelado em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Mariosan de Sousa Marques

GOIÂNIA

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter criado e, ainda mais, salvado a todos nós por seu Filho Jesus Cristo, Nosso Senhor, a quem dedico este trabalho, para que o Único e Eterno Sacerdote abençoe a todos seus filhos.

Agradeço à minha família, em especial meus pais, que sempre me apoiaram e fizeram que o caminho se tornasse mais fácil, com sua presença amorosa, firme e constante em minha vida.

Agradeço à Igreja, onde encontrei amigos e pessoas que me fazem caminhar nas pegadas de Jesus, que me oferece os sacramentos que nos salvam e fazem que sejamos melhores. À Igreja também agradeço a oportunidade dos estudos teológicos e do aprofundamento na fé que estes me proporcionaram.

Agradeço, enfim, todos os meus amigos, de longe e de perto, que com suas orações, sua paciência, suas palavras de encorajamento e carinho fizeram que eu conseguisse chegar até aqui. A todos, meus mais sinceros agradecimentos.

“Vós sereis para mim um reino de sacerdotes, uma nação santa”

(Êxodo 19,6)

“Convinha [...] que em tudo se tornasse semelhante aos irmãos, para ser, em relação a Deus, Sumo Sacerdote misericordioso e fiel, para expiar assim os pecados do povo”

(Hebreus 2,17)

“Mas vós sois uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de sua particular propriedade, a fim de que proclameis as excelências daquele que vos chamou das trevas para sua luz maravilhosa”

(I Pedro 2,9)

RESUMO

Na Igreja, cremos que há um sacerdote misericordioso e fiel que está junto de Deus intercedendo por nós. Oferecendo um sacrifício único pelos pecados da humanidade, Cristo alcançou-nos a vida e nos comunica a sua graça pelo sacramento do batismo. Pelo batismo, entramos no Corpo Místico de Cristo e nos tornamos um com ele, neste aspecto, participamos de seu único sacerdócio. O sacerdócio de Cristo, no entanto, para os batizados pode ser participado de duas formas diferentes, pelo sacerdócio comum de todos os batizados e pelo sacerdócio ministerial daqueles que recebem o sacramento da ordem. Nosso foco neste trabalho é investigar o sacerdócio tal como era concebido em Israel, nos escritos do Antigo Testamento, depois como chegamos à conclusão de que Cristo é sacerdote, analisando a Carta aos Hebreus, até analisarmos os escritos da Primeira Carta de Pedro e do Apocalipse, que tratam do sacerdócio participado pelos fiéis batizados. Através da análise bíblica, alcançamos uma clareza teológica acerca do sacerdócio de Cristo, ao qual se associam todos os batizados, seja como fiéis leigos ou ordenados, cada qual com sua especificidade.

Palavras-chave: sacerdócio, Jesus Cristo, sacerdócio comum, sacerdócio ministerial.

RIASSUNTO

Nella Chiesa crediamo che ci sia un sacerdote misericordioso e fedele che è presso Dio e intercede per noi. Offrendo un unico sacrificio per i peccati dell'umanità, Cristo ha raggiunto per noi e ci comunica la sua grazia attraverso il sacramento del battesimo. Attraverso il battesimo entriamo nel Corpo mistico di Cristo e diventiamo una cosa sola con Lui, in questo partecipiamo al suo unico sacerdozio. Il sacerdozio di Cristo, però, per i battezzati può essere partecipato in due modi diversi, attraverso il sacerdozio comune di tutti i battezzati e attraverso il sacerdozio ministeriale di coloro che ricevono il sacramento dell'ordine. Il nostro obiettivo in questo lavoro è indagare il sacerdozio così come è stato concepito in Israele, negli scritti dell'Antico Testamento, poi come siamo arrivati alla conclusione che Cristo è sacerdote, analizzando la Lettera agli Ebrei, fino ad analizzare gli scritti della Prima Lettera di Pietro e dell'Apocalisse, che trattano del sacerdozio partecipato dai fedeli battezzati. Attraverso l'analisi biblica raggiungiamo la chiarezza teologica sul sacerdozio di Cristo, al quale sono associati tutti i battezzati, sia come laici che come ministri ordinati, ciascuno con la propria specificità.

Parole-chiave: sacerdozio, Gesù Cristo, sacerdozio comune, sacerdozio ministeriale.

SIGLÁRIO

Ap – Apocalipse de São João
At – Atos dos Apóstolos
CEC – *Catechismus Ecclesiae Catholicae*
Dt – Deuteronômio
Eclo – Eclesiástico
Ef – Carta aos Efésios
Êx – Êxodo
Gl – Carta aos Gálatas
Gn – Gênesis
Hb – Carta aos Hebreus
I Cr – Primeira Carta aos Coríntios
I Cr – Primeira Crônicas
I Jo – Primeira Carta de São João
I Pe – Primeira Carta de São Pedro
I Rs – Primeiro Reis
I Sm – Primeiro Samuel
I Tm – Primeira Carta a Timóteo
I Ts – Primeira Carta aos Tessalonicenses
II Cr – Segundas Crônicas
II Sm – Segundo Samuel
Is – Isaías
Lc – Evangelho segundo São Lucas
LG – *Lumen Gentium*
Lv – Levítico
Mc – Evangelho segundo Marcos
Ml – Malaquias
Mq – Miquéias
Nm – Números
Rm – Carta aos Romanos
Sl – Salmos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. OS SACERDOTES NO ANTIGO TESTAMENTO	11
1.1 DEFINIÇÃO E ATRIBUIÇÕES DO SACERDÓCIO ANTIGO	12
1.2 FUNCIONAMENTO DO CULTO SACERDOTAL ANTIGO	15
1.3 OS SACRIFÍCIOS NO CULTO SACERDOTAL ANTIGO	17
1.4 O SACERDÓCIO ANTIGO NO TEMPO DE JESUS	19
1.5 A APARENTE AUSÊNCIA DO SACERDÓCIO EM JESUS	22
2. O NOVO SACERDOTE: JESUS CRISTO	26
2.1 QUESTÕES DE VOCABULÁRIO: O TEMA SACERDOTAL NO NOVO TESTAMENTO	26
2.2 A EPÍSTOLA AOS HEBREUS: AUTORIA, DATA, TEMA E ESTRUTURA	27
2.3 JESUS CRISTO COMO SUMO SACERDOTE E A CATEQUESE CRISTÃ PRIMITIVA	30
2.4 CARACTERÍSTICAS DO SACERDÓCIO DE CRISTO	33
2.4.1 Autoridade de Cristo como sacerdote	34
2.4.2 Misericórdia e sacerdócio em Cristo	37
2.4.3 A solidariedade no sacerdócio de Cristo	38
2.4.4 O sacerdócio de Cristo é eterno	39
2.5 COMO CRISTO TORNOU-SE SUMO SACERDOTE? ANÁLISE DE Hb 5,5-10	40
2.6 SACERDOTE “SEGUNDO A ORDEM DE MELQUISEDEC” (Hb 7,11)	43
2.7 A CONSAGRAÇÃO DE CRISTO	47
3. IGREJA: POVO SACERDOTAL	52
3.1. UM POVO SACERDOTAL: I Pd 2,1-10	52
3.1.1 Reminiscência do Antigo Testamento: Êxodo 19,6	53
3.1.2 Comparação entre Êxodo 19,6 e I Pedro 2,9	54
3.1.3 O sacerdócio cristão sob a ótica de I Pedro	54
3.2 UM SACERDÓCIO REAL: O LIVRO DO APOCALIPSE	57
3.2.1 Jesus Cristo no Apocalipse: figura sacerdotal?	57
3.2.2 O sacerdócio real dos cristãos	58
3.2.3 O reino sacerdotal dos cristãos	59
3.3 SACERDÓCIO COMUM E SACERDÓCIO MINISTERIAL	61
3.3.1 Único sacerdócio participado	62
3.3.2 Sacerdócio comum e ministerial: Diferenças e aproximações	63
3.3.3 Sacerdócio cristão: mistério de comunhão	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68

INTRODUÇÃO

Ao longo de toda a história o homem se perguntou sobre diversas coisas: Quem criou o mundo? Quem somos? O que devemos fazer? São tantas perguntas que nos interpelam constantemente e para as quais procuramos respostas desde o início dos tempos, mas existe um anseio do coração humano que só pode ser saciado de uma maneira. Temos sede do infinito, do eterno, de Deus, neste sentido podemos perceber que as várias religiões buscam uma forma de conectar o homem à divindade para aplacar essa necessidade constante. O que percebemos, no entanto, é que a ligação entre o homem e Deus não pode ser imediata, já que existem muitas realidades que separam o Deus infinito, perfeito, santo, dos homens, finitos, imperfeitos e pecadores.

Para transpor esta distância natural entre realidades de naturezas diferentes, tais como o homem e Deus, o primeiro criou uma série de soluções que visam atenuar a distância entre a humanidade e a divindade. Uma dessas soluções, das mais antigas, é o sacerdócio e o culto tal como aparece nos relatos históricos de civilizações antigas, como a egípcia e a mesopotâmica. Interessa-nos, sobretudo, a solução ritual usada pelos israelitas para ultrapassar a barreira que existia entre eles e Deus, a saber, o sacerdócio cultural com seus sacrifícios.

Antes, porém, de tratar do sacerdócio em Israel, é preciso dizer que na fé monoteísta israelita não foi o povo que primeiro procurou ao Senhor, mas a iniciativa foi do próprio Deus. É Deus quem faz Aliança com o povo, Ele quem os protege com sua mão forte e cuida deles mesmo quando não são fiéis como deveriam, pois seu amor é incondicional. No Monte Sinai faz Aliança com seu povo, por meio de seu servo Moisés, lhes entrega as Tábuas da Lei com os Dez Mandamentos, pedindo que sejam fiéis às suas prescrições. Também nesta Aliança, institui sacerdotes que deveriam cumprir afazeres rituais para que o povo de Israel tivesse comunhão com seu Senhor.

Os sacerdotes não eram uma realidade única e exclusiva de Israel, existiam outros em civilizações outras, mas em Israel constituíram-se pela vontade expressa do Senhor. O Deus de Israel, Iahweh, é o Três vezes Santo, com nome impronunciável, perfeito, que só falou face a face com Moisés, em todo o Antigo Testamento. Diante de tal divindade, como ficaria o povo de Israel? Qual a possibilidade deles se unirem a tão grande Senhor? Os israelitas se uniriam a Deus pela mediação dos sacerdotes, que, oferecendo sacrifícios pelos seus pecados e pelos do povo, aplacariam o Senhor e restaurariam a comunhão perdida.

Todo o aparato sacerdotal de Israel se sustentava nessa fé de que os sacerdotes eram os homens consagrados ao Senhor, que ensinavam sua Lei e ofereciam seus sacrifícios, com as finalidades mais variadas possíveis, conforme veremos ao longo deste trabalho. Importante salientar, contudo, que não poderia ser qualquer homem um sacerdote, era necessário que fosse da Tribo de Levi, era a tribo consagrada ao Senhor, separada para seu serviço em tempo integral, devotada ao Templo e aos sacrifícios. Também este ponto merece nossa atenção, já que a essa altura da história da salvação, somente se podia ser sacerdote se assim o fosse hereditariamente, ou seja, se tivesse nascido na tribo levítica.

O sacerdote existia para oferecer os sacrifícios que colocariam o povo em comunhão com Deus novamente, diminuindo a distância existente entre a divindade e a humanidade. Essa capacidade de oferecimento dos sacrifícios não vinha de qualquer maneira, mas era fruto de uma série de separações rituais entre os que seriam consagrados sacerdotes e o povo como um todo, pois, para que fossem capazes de se apresentar diante de Deus teriam que se guardar de todo contato com o pecado, com a morte, com aquilo que não faz parte da realidade divina. Veremos ao longo deste trabalho como as separações rituais eram o caminho para a consagração dos sacerdotes israelitas.

O traço característico do sacerdócio em Israel era estas separações para que se tornasse sacerdote e este é também o ponto de inflexão na mudança para o novo sacerdócio vivido e instituído por Jesus Cristo. Em primeiro lugar, pelo mistério da Encarnação do Verbo, o Senhor mesmo se tornou um de nós, vivendo nossa vida, sofrendo nossas dores, experimentando nossas alegrias e tristezas, enfim, numa compaixão que fez que o Filho Eterno se tornasse um homem em Belém da Judéia. Por este mistério se operou a conexão maior já imaginada entre o homem e Deus, a divindade que antes se imaginava tão longe, torna-se um de nós, por amor, um amor incondicional. As barreiras que existiam entre Deus e os homens foram transpostas pelo próprio Senhor.

Duas realidades impulsionaram Jesus Cristo em sua vida terrena, até o cumprimento total de sua missão ao entregar sua vida na cruz para a salvação de todo o gênero humano. O amor filial e obediente ao Pai e a solidariedade e amor para com os homens foram estas duas realidades, pois, até sua entrega na cruz, Cristo jamais se esqueceu destes dois pontos. A consagração sacerdotal de Cristo acontece no altar da cruz, quando entrega sua vida por todos os homens ele expira e oferece o único e supremo sacrifício, é ao mesmo tempo vítima, porque é o Cordeiro, e sacerdote, porque se oferece a si mesmo, ninguém tira sua vida, ele a dá por si mesmo. Sua vida é marcada por essa entrega que culmina no altar da cruz.

O tema sacerdotal é muito relevante para pesquisa porque a Igreja é um povo sacerdotal, recebemos a fé de nossos antepassados israelitas, acolhemos a revelação de Jesus como sacerdote, altar e vítima, e mais ainda, compreendemos teologicamente que toda a Igreja é composta de sacerdotes. Compreender o tema do sacerdócio no hoje da Igreja é compreender um pouco mais sobre nossa vivência de fé, sobre ser comunhão com os irmãos, estar unidos, superando o individualismo e a opinião próprias. Toda a vida cristã é a busca pela santidade e essa busca passa pela vivência correta do ser sacerdote, seja pelo batismo seja pela ordem, pois, como veremos, ambos são participação no único sacerdócio de Cristo, de cujo Corpo místico participamos.

A pergunta que nos guia ao longo de todo este estudo, com foco bíblico, é: “Qual a diferença entre o sacerdócio antigo e o novo sacerdócio instituído por Cristo?”. Parece muito limitada, mas os desdobramentos desta pergunta alcançam a toda a Igreja, pois, o sacerdócio que Cristo institui atinge todos os batizados, Ele é a fonte deste sacerdócio e compreender as diferenças e semelhanças entre o sacerdócio antigo e o novo fazem-nos viver mais corretamente a vocação cristã.

O método utilizado no presente trabalho é hipotético-dedutivo, isto é, utilizando-nos do material bíblico-teológico à nossa disposição sobre o tema, apresentaremos pontos de vista embasados que nos ajudarão a ter clareza sobre os variados temas que nos serão apresentados. Utilizaremos textos bíblicos que serão analisados à luz de diversos autores, sendo o principal deles Cardeal Albert Vanhoye, que escreveu uma obra toda dedicada à questão do sacerdócio no Antigo e no Novo Testamentos, bem como artigos e livros de outros autores.

Nosso trabalho começa pela pesquisa bíblica sobre o sacerdócio enquanto realidade no Antigo Testamento, veremos qual a definição e as atribuições dos sacerdotes israelitas, como funcionava o culto, com seus sacrifícios, como este sacerdócio se apresentava no tempo de Cristo e como há uma aparente ausência do tema sacerdotal em Jesus. No segundo capítulo, trataremos de forma sistemática o tema sacerdotal tal como aparece na Carta aos Hebreus que fala do sacerdócio de Cristo, apresentaremos as características básicas do seu sacerdócio, como foi a consagração de Jesus e as diferenças em relação ao sacerdócio antigo. No terceiro capítulo, finalmente, abordaremos o tema sacerdotal aplicado aos fiéis cristãos, analisando textos da Primeira Carta de Pedro e do Apocalipse, que nos dão ocasião de pensar o sacerdócio de Cristo participado como sacerdócio comum e ministerial, veremos qual a diferença dos dois tipos e como isso influencia a vida cristã de cada crente.

1. OS SACERDOTES NO ANTIGO TESTAMENTO

O sacerdócio é um tema de alta relevância para o cristianismo católico já que toda a nossa vida é marcada pela compreensão de que todos somos sacerdotes pelo nosso batismo, mas não é possível dizer que para todos os fiéis católicos seja claro o que quer dizer o termo sacerdote. Para responder a esta questão com suficiente clareza é necessário que façamos uma pesquisa aprofundada na Tradição da Igreja e nas Sagradas Escrituras, bem como no Magistério autêntico.

Neste primeiro capítulo trataremos do tema do sacerdócio desde o ponto de vista veterotestamentário. Faz-se necessário tal caminho de reflexão devido ao fato de que nossas raízes hebraicas são presentes em nossa concepção atual de sacerdócio na Igreja Católica. Ao longo deste percurso perceberemos as aproximações e os distanciamentos entre essas concepções.

O sacerdócio não é uma realidade exclusivamente hebraica, em se tratando daquele período histórico do Antigo Testamento, pois, também as outras religiões possuíam seus sacerdotes ou pessoas que tinham um contato, por assim dizer, mais próximo da divindade. É preciso dizer, no entanto, que há uma espécie de compreensão comum da figura do sacerdote, ou seja, “ordinariamente, por sacerdote se entende aquele que é especializado no cumprimento das funções rituais ou culturais”¹. Ainda que se fale de um sacerdócio exercitado por pais de família, ou líderes de clãs, ao longo da história das religiões, cada vez mais houve aquilo que poderíamos chamar de sacerdócio especializado, vivido por pessoas totalmente dedicadas ao culto ritual.²

Nosso foco não é, como se pode deduzir do título do trabalho, investigar o que é o sacerdócio sob a perspectiva mais geral, isto é, do ponto de vista da história das religiões. Nosso intento é investigar o que se entende por sacerdócio nos escritos do Antigo Testamento, para depois comparar ao entendimento Neotestamentário a respeito da mesma realidade. Ora, tendo isso em vista, consideremos o sacerdócio antigo, tal como aparece nos escritos bíblicos.

¹ “Ordinariamente, per prete si intende colui che è specializzato nel compimento delle funzioni rituali o culturali” (tradução nossa) GALOT, Jean. **Teologia del sacerdozio**. Libreria Editrice Fiorentina: Firenze, 1981. (Nuova Collana di Teologia Cattolica, v. 14), p. 04.

² Cf. GALOT, 1981, p. 04-05.

1.1 DEFINIÇÃO E ATRIBUIÇÕES DO SACERDÓCIO ANTIGO

Em um primeiro momento, como qualquer investigação bíblica, é necessário que nos deparemos com questões de filologia, isto é, quanto às palavras usadas no texto que vamos investigar. Ora, o Antigo Testamento foi escrito em hebraico e o Novo Testamento em grego, este dado é importante para todo nosso estudo. Nos evangelhos, quando os autores sagrados se referem aos sacerdotes do Antigo Testamento usam o termo *hiereús*, que traduz um termo hebraico usado muitas vezes na primeira parte da Bíblia, a saber, o termo *kohén*. O termo *kohén* indica os personagens que eram encarregados das funções religiosas, tanto pagãos quanto israelitas. Esta palavra é usada para se referir a Melquisedeque (Gn 14,18), a um sacerdote egípcio contemporâneo de José (Gn 41,45.50), um sacerdote madianita (Ex 2,16) e depois da libertação de Israel do Egito, referindo-se aos sacerdotes israelitas, nos deparamos com o título *kohén* repetido 55 vezes em Lv 13.³

Quanto à tradução para o grego, *hiereús*, podemos deduzir pela raiz (*hierós*) que se trata de algo sagrado, portanto, *hiereús* é o “homem do sagrado”. Já *kohén*, do hebraico, nos leva a diferentes interpretações, pode ser 1) aquele que se inclina, 2) o que está na presença de Deus ou 3) o que traz a bênção, a prosperidade⁴. Todas essas interpretações nos colocam a questão do entendimento bíblico a respeito dessa figura que chamamos “sacerdote”.

Para além da palavra, devemos analisar quais eram as atribuições dos sacerdotes, pois, a partir delas teremos uma imagem clara dessa realidade. Os sacerdotes possuíam a função de oráculos, eram ligados ao santuário, a eles competia oferecer sacrifícios, vigiar para manter a pureza ritual e abençoar o povo. Essas cinco funções eram muito claras no sacerdócio do Antigo Testamento e investigaremos agora cada uma delas.

A função oracular atribuída aos sacerdotes fica bem evidenciada em Dt 33,8, quando Moisés fala que se dê aos filhos de Levi (sacerdotes) o *Urim* e o *Tummim*, instrumentos usados para saber a vontade de Deus⁵. Fundamentalmente, o povo procurava saber a vontade de Deus, ainda que por meios supersticiosos, pois havia a clareza de que “sem uma relação positiva com

³ Cf. VANHOYE, Albert. **Sacerdoti Antichi e Nuovo Sacerdote**: Secondo il Nuovo Testamento. Editrice Elle di Ci: Leumann (Torino), 1990, p. 23.

⁴ Cf. VANHOYE, 1990, p. 23-24.

⁵ Ao que parece, o *Urim* e o *Tummim* eram dois objetos usados como instrumentos oraculares pelos quais se buscava saber a vontade de Deus por meio de sorteio, onde a resposta a determinada questão seria “sim” ou “não”. Diz-se que os sacerdotes carregavam essas pedras em seu peitoral e quando necessário, usavam para fazer esse sorteio. Cf. McKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. Trad. Álvaro Cunha *et.al.* São Paulo: Paulus, 1983. Coleção Dicionários. p. 873.

Deus, a existência humana não podia encontrar a sua justa orientação” (tradução nossa)⁶. Mas para além do Urim e Tumim em Dt 33,9b-10 vemos um desenvolvimento da função de transmitir a vontade de Deus, não mais mediante instrumentos de sorte, mas pelo ensinamento da Palavra de Deus, para guardar a Aliança.⁷

A segunda atribuição do sacerdote era de ser ligado ao santuário, pois ele é escolhido e estabelecido para servir no santuário e a nenhum outro era permitido tal ação⁸. Em Nm 3,38⁹ “Finalmente, acampavam ao oriente, diante da Habitação, diante da Tenda da Reunião, Moisés, Aarão e seus filhos, que tinham o encargo do santuário em nome dos israelitas. Todo estranho que se aproximasse devia ser punido com a morte”, vemos que a separação entre sacerdotes e outras pessoas quanto ao santuário fica bem evidente, ninguém deve se aproximar da Tenda, onde estão as Tábuas¹⁰, sinais da presença de Deus entre o povo. Em Israel havia muitos santuários, em diferentes cidades, mas ao longo do tempo, com o reinado unificado, ficou cada vez mais claro que Jerusalém seria a cidade onde se unificaria todo o reino, tanto do ponto de vista do governo quanto do culto, até que se fez o Santuário em Jerusalém que se tornou o único oficial, unificando também os sacerdotes em torno ao Templo. É preciso mencionar que em Dt 12,13-14 se especifica que os sacrifícios devem ser oferecidos no lugar que o Senhor escolheu, num único lugar, “[...] assim se fez depois do Exílio. A unicidade do santuário se tornou uma profunda exigência do sentimento religioso. Era conveniente que o Deus único tivesse um único santuário”¹¹.

A terceira atribuição dos sacerdotes israelitas era a de oferecer os sacrifícios a Deus. A princípio, o direito de oferecer sacrifícios não era privilégio dos sacerdotes, senão que também Abraão (Cf. Gn 22,13), Jacó (Cf. Gn 28,18;31,54), até mesmo Davi e Salomão (Cf. II Sm 6,13.17s;24,25; I Rs 3,4.15) ofereceram sacrifícios a Deus. Aos poucos, no entanto, esta oferta de sacrifícios ficou reservada aos sacerdotes, de tal forma que o rei Ozias foi punido por Deus por ter ousado se apresentar diante do altar sem ser um sacerdote (Cf. II Cr 26,16-20). Essa exclusividade dos sacerdotes em oferecer os sacrifícios não existia por uma questão de organização das tarefas, mas pela concepção da santidade de Deus, que exige que os que se

⁶ VANHOYE, 1990, p. 25.

⁷ VANHOYE, 1990, p. 25.

⁸ VANHOYE, 1990, p. 26.

⁹ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2013. Daqui em diante, todas as citações bíblicas serão retiradas desta edição.

¹⁰ Trata-se das Duas Tábuas que continham a Lei de Deus, seus mandamentos, segundo a tradição, foram escritas pelo dedo do próprio Deus e eram um sinal claro da presença do Senhor em Israel, daí serem guardadas na Arca da Aliança, dentro do Templo do Senhor em Jerusalém. Cf. Êx 24,12; McKENZIE, 1983, p. 63-64.

¹¹ VANHOYE, 1990, p. 27.

apresentam diante do Senhor sejam consagrados para esta tarefa sublime¹². Outro aspecto que merece ser mencionado é o fato de que os sacrifícios de expiação pelos pecados cometidos foram ganhando cada vez mais importância¹³.

A quarta atribuição dos sacerdotes a que nos referimos é a de vigiar sobre a “pureza ritual”. Ora, se os sacerdotes deveriam se consagrar para serem capazes de oferecer sacrifícios a Deus, também o povo deveria ser purificado para cultuar o Senhor, essa era uma preocupação intensa dos sacerdotes, segundo a prescrição bíblica de Lv 15,31: “Advertireis os israelitas a respeito de suas impurezas, para que não morram por causa delas, contaminando a minha Habitação que se encontra no meio deles”.

A quinta atribuição do sacerdócio antigo era a de “abençoar”. O sacerdote era o homem responsável por abençoar o povo em Nome de Deus, pronunciando o Nome revelado (Cf. Eclo 45,15-19). A respeito da importância da bênção sacerdotal é interessante mencionar o que Vanhoye sublinha:

Pôr sobre qualquer um o nome de Deus é estabelecer uma relação pessoal entre Deus e ele. A bênção não é outra coisa, de fato, que um pôr em relação vivificante com Deus. O povo de Israel compreendia que a bênção divina é a condição fundamental da qual depende o verdadeiro sucesso da existência. Sem uma relação harmoniosa com Deus, a vida humana não pode encontrar o seu justo sentido nem alcançar a sua plena realização. Ao contrário, a bênção divina traz paz e fecundidade a todos os lugares, porque a relação com Deus é o elemento mais decisivo em toda situação e em toda realidade. (tradução nossa)¹⁴

Essas são algumas das atribuições que recaíam sobre os sacerdotes de Israel, características que, se bem entendidas, poderemos oportunamente aplicar ao novo sacerdócio proposto nos escritos neotestamentários e vivido hoje na Igreja. Para o momento, basta-nos mencionar que os sacerdotes eram muito importantes no culto a Deus no Antigo Testamento, eles cumpriam uma função que cada vez mais era exclusiva e entendendo essa dinâmica podemos compreender a realidade do sacerdócio antigo na época de Jesus. Mas antes de pensar sobre o sacerdócio antigo no tempo de Cristo, é interessante pensar na sua dinâmica interna, isto é, como se organizava o culto sacerdotal em Israel.

¹² VANHOYE, 1990, p. 27.

¹³ VANHOYE, 1990, p. 28.

¹⁴ VANHOYE, 1990, p. 29.

1.2 FUNCIONAMENTO DO CULTO SACERDOTAL ANTIGO

Em primeiro lugar, sobre o culto sacerdotal vivido pelos israelitas, é importante mencionar que “toda a organização do culto sacerdotal antigo era fundada sobre *a ideia de santidade* e sob a convicção que é preciso ser santo para poder se aproximar de Deus” (tradução nossa)¹⁵. Santidade não entendida como ausência de defeitos ou falhas, mas o contrário de “profano”, ou seja, o que é estritamente ligado ao sagrado. Deus é três vezes santo, proclamado assim pelos serafins (Cf. Is 6,3). Ora, para se colocar na presença de Deus, era necessário que se passasse do nível profano da existência à santidade requerida pelo Senhor. Essa transformação não se dava por um esforço moral humano, não era pela força do homem e sim por uma ação de Deus que um homem seria consagrado para que a distância entre Deus e os homens fosse preenchida e fosse possível manter o contato com o divino.

Se a santidade era o ponto chave para entendermos o culto antigo, a proposta da solução para diminuir a distância existente entre Deus e os homens gira em torno desta mesma noção de santidade como aquilo que está separado, consagrado. Havia uma chamada “solução ritual”¹⁶ para o culto a Deus. Em separações cada vez mais restritivas, se fazia uma purificação e uma consagração, tornando alguns poucos capazes de se apresentar diante de Deus, oferecendo-lhe sacrifícios, sendo sacerdote para o culto divino.

Deus escolheu entre a multidão das nações um povo, o povo de Israel, esta foi a primeira eleição, pois, a este povo, Deus promete uma dignidade sacerdotal – “Vós sereis para mim um reino de sacerdotes, uma nação santa” (Êx 19,6) – mas não são prontos a enfrentar, como povo, a santidade divina; é escolhida então uma tribo, a de Levi, para ser consagrada ao serviço do culto no santuário, é a segunda santificação; não obstante, dentro da tribo de Levi, uma família é particularmente consagrada e encarregada do sacerdócio (Cf. Êx 28,1), a terceira separação. Essas separações são cada vez mais aprofundadas para torná-los capazes de apresentar-se diante da santidade divina e tal consagração se dava por meio de cerimônias que simbolizavam esta realidade: “[...] banho ritual para purificar dos contatos com o mundo profano, a unção que impregna de santidade, as vestes sacras que exprimem a pertença a Deus e sacrifícios de expiação e de consagração” (tradução nossa)¹⁷.

Além da separação entre as pessoas, também os tempos e locais são consagrados a Deus por meio de separações rituais, isto é, existem dias santificados e locais santos, separados

¹⁵ VANHOYE, 1990, p. 29.

¹⁶ VANHOYE, 1990, p. 30.

¹⁷ VANHOYE, 1990, p. 31.

do que se chama profano. Mas a consagração final do sacerdote se dá quando ele oferece o sacrifício, “etapa final da separação do mundo profano” (tradução nossa)¹⁸. Ainda que passe por todos os ritos que mencionamos anteriormente, o sacerdote permanecia um homem terrestre, mas precisava fazer a passagem para o mundo celeste, o que é feito ao passar pela experiência da morte. Ora, já que o sacerdote não poderia fazer isso por si mesmo, ele sacrificava um animal que, consumido pelo fogo sagrado, se tornará uma oferenda agradável a Deus e finalizará a consagração daquele que oferece o sacrifício, tornando-o capaz de estar diante do altar do Senhor.

A dinâmica do culto sacerdotal antigo pode ser entendida utilizando-se de uma imagem mencionada pelo nosso autor e explicada de forma breve e clara, conforme transcrevemos a seguir:

O culto antigo constituía, pois, um sistema de santificação baseado sob uma série de separações rituais. Para elevar-se até o Deus três vezes santo, se edificava uma espécie de pirâmide que, partindo da multidão das nações e em graus sucessivos era escolhido um povo à parte, uma tribo escolhida, uma família privilegiada, chegava finalmente a um homem consagrado, o sacerdote, e, acima dele, a um animal oferecido em sacrifício. Depois deste movimento ascendente de separação, se esperava evidentemente um movimento descendente de bênção. (tradução nossa)¹⁹

Com esse esclarecimento, percebemos a dinâmica interna do culto sacerdotal antigo, no qual se operavam separações rituais cada vez mais intensas para tornar o homem capaz de se apresentar diante de Deus em nome do povo. O elemento central do sacerdócio, portanto, é que sua presença seja aceita diante de Deus, que lhe seja favorável e oferecendo o sacrifício, alcance do Senhor o perdão dos pecados do povo, o fim de situações difíceis e as bênçãos de Deus.²⁰

Resta evidente que o sacerdote existia em função da necessidade que o homem tem de estar em comunhão com Deus e o sacerdócio operava essa mediação, já que nem todos poderiam se apresentar diante do Senhor. Sendo mediador, o sacerdote coloca o povo numa relação pessoal com Deus. As Sagradas Escrituras enfatizam que nada é mais importante que a relação do homem com Deus e, por essa razão, “a mediação do sacerdote aparece, pois, como uma função da mais alta importância para a realização da vocação humana” (tradução nossa)²¹.

¹⁸ VANHOYE, 1990, p. 32.

¹⁹ VANHOYE, 1990, p. 32.

²⁰ Cf. VANHOYE, 1990, p. 32-33.

²¹ VANHOYE, 1990, p. 35.

Colocar os homens em comunhão com Deus por meio da mediação sacrificial, eis a tarefa sublime do sacerdote antigo.

1.3 OS SACRIFÍCIOS NO CULTO SACERDOTAL ANTIGO

Como dissemos, os sacrifícios eram o estágio final de uma série de separações rituais e tinham como primeiro objetivo fazer que o sacerdote passasse do mundo terrestre ao mundo celeste pela passagem que o animal faria em seu lugar²². Importa, pois, entender do que se trata o “sacrifício”, quais os principais tipos de sacrifício que existiam no Antigo Testamento e como eram compreendidos ao interno do culto sacerdotal do povo hebreu.

A palavra sacrifício pode ser entendida, em sentido religioso, como aquilo que é oferecido à divindade, bem como a ação mesma de oferecer²³. Se tomamos a palavra em sua raiz latina, percebemos que a palavra sacrifício se compõe de duas outras, a saber, *sacrum* e *facere*, significando que seria o ato de fazer algo se tornar sagrado, santo²⁴. Existem muitos elementos que estão presentes nas noções de sacrifício nas religiões antigas, como por exemplo: 1) um dom do homem para a divindade, 2) uma homenagem do súdito para seu senhor, 3) a expiação da ofensa cometida, 4) a comunhão com a divindade no banquete do sacrifício, 5) a vida que é subtraída da vítima, oferecida à divindade para que seja devolvida aos adoradores.²⁵

Todos esses elementos apresentados são simbólicos dos sacrifícios, indicam o que eles significam na mentalidade dos crentes, mas há um elemento simbólico comum a todos os sacrifícios do Antigo Testamento, que é nosso tópico, para tanto citamos McKenzie:

O elemento simbólico comum em todos os sacrifícios do AT (*sic*) é a presença do sangue; e visto que este é universal, muito provavelmente exprime a nota essencial do simbolismo sacrificial. O sangue é derramado sobre o altar ou jogado em sua base ou aspergido nos seus chifres. O altar simboliza a divindade. No pensamento do AT, o sangue é a vida, e o ritual do sangue é o ato simbólico preciso da oblação pelo qual a vida do animal é oferecida à divindade. A mera matança do animal não é um ato ritualmente simbólico. Outro ato ritual comum é a imposição das mãos sobre a vítima [...] um ato pelo qual o ofertante declara que aquela é a sua oferenda.²⁶

Como nossa pesquisa até o momento se atém ao Antigo Testamento, que foi escrito na língua hebraica, precisamos notar que nesta língua não temos um único termo que signifique

²² Cf. VANHOYE, 1990, p. 32.

²³ Cf. WILLI-PLEIN, Ina. **Sacrifício e Culto no Israel do Antigo Testamento**. Trad.: Antonius Fredericus Stein. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 25.

²⁴ Cf. VANHOYE, 1990, p. 32.

²⁵ Cf. McKENZIE, 1983, p. 748-749.

²⁶ McKENZIE, 1983, p. 749.

“sacrifício” e sim uma série de termos que significam um tipo de sacrifício específico²⁷. Podemos separar três grupos de sacrifícios que poderiam ser unificados: 1) aqueles que podem ser definidos pelo rito como tal, p. ex. *zebah* (abate de um animal), *minha* (oferenda de alimentos), *olâ* (sacrifício pelo fogo, holocausto); 2) Conceito abrangente que alcança outras ações, mas que significa que a oferenda levada ao santuário está apta para o contato com o sagrado, isto é, o *qorban* (oferenda); e 3) Sacrifícios definidos pela sua finalidade, função, p. ex. *toda* (sacrifício em ação de graças), *hattat* (sacrifício pelo pecado), *asam* (sacrifício pela culpa).²⁸

Profundamente ligado à noção veterotestamentária de sacrifício está o entendimento do respectivo culto, ou seja, o culto que se faz por meio destes sacrifícios. Tendo em vista alguns pares de opostos, podemos nos aproximar de um entendimento, isto é, investigando a oposição já mencionada anteriormente entre “santo” e “não-santo”/“profano”, ou a oposição entre “pecado-falta” e “irrepreensibilidade-ordem”²⁹. O culto também está ligado a locais tidos como sagrados e tempos determinados. Com tudo isso e tendo em vista o que já dissemos sobre o sacrifício ser a forma de manter a relação dos homens com Deus percebemos que os sacrifícios são uma forma de culto que vem para atenuar as divisões que existem entre o divino e o humano, por meio de uma oferta do homem a Deus, feita pelo sacerdote. Esse poderia ser o entendimento geral do tema que ora tratamos.

Ainda que não seja nosso foco o problema do entendimento sobre o sacrifício, este nos toca de forma especial devido ao fato de que o ministro que o oferece é o sacerdote, nosso tema de investigação. Para finalizar uma abordagem deste tópico interessante e iluminador, podemos elencar três modelos de entendimento sobre o sacrifício que oferecem chaves de leitura para o tema. O sacrifício como dom, o sacrifício como alimento e o sacrifício como representação da realidade.

O sacrifício como dom pode ser feito na esperança de receber algo em troca ou ser realizado como renúncia, num sentido de submissão, homenagem ou mesmo ação de graças a Deus. O sacrifício pode ser entendido como alimento, ou seja, um banquete divino, sendo Deus o anfitrião e o homem o hóspede, ou vice-versa, ou mesmo no sentido de que os homens comem na presença de Deus, ou que é Deus mesmo quem serve os alimentos a nós. Por fim, o sacrifício

²⁷ Ainda que nossa autora informe que *qorban* seria um conceito abrangente que alcança diversos tipos de sacrifícios, por significar o “aproximar-se” do sagrado, pode ser um conceito usado também para ritos que não são sacrifícios tais como entendemos, por isso não seria uma tradução única para a palavra sacrifício no hebraico. Cf. WILLI-PLEIN, 2001, p. 26.

²⁸ Cf. WILLI-PLEIN, 2001, p. 26.

²⁹ Cf. WILLI-PLEIN, 2001, p. 27.

pode ser compreendido como representação da realidade, isto é, como ela é ou deveria ser, uma imagem do mundo ordenado perfeitamente, tal como deveria ser, não fossem nossas faltas que perturbam a ordem colocada pelo Criador.³⁰

O sacrifício, portanto, é uma forma de culto que era praticada em Israel, com finalidades diferentes, a depender do tipo de sacrifício feito. Fundamentalmente, porém, o culto sacerdotal antigo se servia dos sacrifícios para operar a união do divino e do humano, intermediando a relação entre o terrestre e o celeste, mantendo a ordem da realidade e cultuando a Deus por meio das renúncias e trabalhos humanos, fazendo ações tidas como sagradas, sacrifícios – *sacrum facere*.

1.4 O SACERDÓCIO ANTIGO NO TEMPO DE JESUS

O sacerdócio antigo no tempo de Jesus possuía grande importância, o que se explica por variados motivos, desde o ponto de vista histórico, político e religioso dos israelitas, aspectos que ora apresentamos brevemente. A própria Bíblia nos aponta para a importância cada vez maior dada aos sacerdotes, ao notarmos que os mesmos fatos narrados nos livros de Samuel e Reis, sem ênfase ao papel dos sacerdotes, são narrados nas Crônicas com ênfase no papel que os sacerdotes devem desempenhar, guardando a Aliança, instruindo e combatendo os altares, reformando o culto de Israel. Isso se explica pelo fato de que as Crônicas são datadas do pós-exílio da Babilônia³¹, onde os sacerdotes ocuparam a primeira importância por guardarem a Lei de Deus, o culto verdadeiro.³²

O Pentateuco tem um tom fortemente sacerdotal, porque foi escrito em boa parte pelos redatores sacerdotais do *post-exilium*. Depois do retorno do Exílio, os sumos-sacerdotes ocuparam cargos de primeira ordem, inclusive, decidindo sobre políticas governamentais, sendo os guias efetivos do povo, como aconteceu na época de Zorobabel, descendente de Davi³³. O título de sumo-sacerdote possuía duas significações, a de sacerdote (religioso) e de autoridade (governo). Na época dos Macabeus, por exemplo, o aspecto de autoridade se

³⁰ Cf. WILLI-PLEIN, 2001, p. 28.

³¹ “O Exílio indica o período que vai da destruição de Jerusalém pelos babilônios, em 587 a.C., à reconstrução de Jerusalém, sob o domínio persa, iniciada em 537 a.C. [...] A importância religiosa do exílio consiste não somente na sobrevivência da consciência religiosa e nacional, mas também [...] em uma profunda obra realizada no campo dos livros sagrados e da tradição de Israel. [...] Também se considera que foi durante o exílio que teve pelo menos o seu início a codificação da Lei hebraica na forma como hoje a encontramos no Pentateuco” (McKENZIE, 1983, p. 297-298)

³² Cf. VANHOYE, 1990, p. 37.

³³ Cf. VANHOYE, 1990, p. 38.

sobressaiu tanto que “a dinastia sacerdotal dos Asmoneus se mantém no poder, através de várias peripécias, até o tempo de Herodes, cujo reino começou em 37 a.C.” (tradução nossa)³⁴. Esta mesma estrutura de *autoridade religiosa e poder político* estava entrelaçada até o tempo de Jesus, o que complicava muito a relação dos primeiros cristãos com o sacerdócio antigo, tal como era compreendido.

O que não podemos esquecer é que o sacerdócio é uma instituição querida por Deus, fundada pela sua Palavra, não por vontade humana, e que seu primeiro papel era o religioso. Essa fé era alimentada no coração de Israel, o que podemos chamar de uma “espera de um sumo-sacerdote dos tempos messiânicos”. São muitas as passagens dos profetas que alimentam a esperança no sacerdócio messiânico, das quais citaremos apenas algumas.

Em Is 2,1-5, vemos que virão dias em que o Monte do Senhor se alçará acima de todos os outros montes e todos virão ao seu encontro, é uma promessa de que a casa do Senhor será aberta a todos. Já em Mq 4,1-3 a mesma promessa é apresentada, de que o Monte do Senhor será elevado acima das colinas e a ele acorrerão todos os povos. Para além das promessas sobre a Casa do Senhor, importa-nos citar textualmente a promessa do Senhor contida em I Sam 2,35: “Farei surgir um sacerdote fiel, que procederá conforme o meu coração e o meu desejo, e lhe construirei uma casa estável, e ele andarà sempre na presença do meu ungido”.

Com os profetas, vemos que havia uma promessa de renovação do sacerdócio, purificação e espera de um novo sacerdócio conforme os anseios messiânicos. Escritos judaicos do tempo de Cristo nos apontam para essa espera de um messias-sacerdote³⁵, como, por exemplo, nos manuscritos de Qunram³⁶. Esperava-se um profeta que fosse o ungido de Aarão, aquele que sucederia este, o messias sacerdotal, também o “Documento de Damasco”³⁷ anuncia o messias de Aarão e de Israel, um único personagem que deveria receber ao mesmo tempo a unção sacerdotal e a realeza sagrada. Também o “Testamento dos Doze Patriarcas”³⁸, datado do I séc. a.C., fala de um messianismo dando preferência à tribo de Levi, e não à de Judá³⁹. O segundo desses testamentos, aquele de Simeão, traz uma passagem interessante, testemunhando essa espera pelo messias sacerdote: “Por que o Senhor suscitará de Levi um sumo sacerdote e

³⁴ VANHOYE, 1990, p. 39.

³⁵ Cf. VANHOYE, 1990, p. 40.

³⁶ Manuscritos descobertos na região de Qunram em 1947, por dois pastores da tribo beduína Ta’amireh, depois as ânforas onde estavam os manuscritos foram levadas para estudos e consideradas manuscritos antigos e autênticos. Os manuscritos foram todos escritos em hebraico, com exceção de um e contém trechos de Isaías, Habacuc, além de alguns apócrifos, dentre outros. Cf. McKENZIE, 1983, p. 697.

³⁷ O documento de Damasco é um dos manuscritos que foram encontrados em Qunram, no ano de 1947.

³⁸ Outro manuscrito que foi encontrado em Qunram, no ano de 1947, conforme mencionamos anteriormente.

³⁹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 41-42.

de Judá um rei, Deus e homem, que salvará todas as nações e a estirpe de Israel” (tradução nossa)⁴⁰.

Também alguns movimentos que existiam no seio do judaísmo do tempo de Jesus apontam para essa espera do messias sacerdote. O movimento dos essênios esperava dois Messias – um da estirpe de Davi como libertador político e outro da descendência de Aarão como restaurador do sacerdócio verdadeiro. Os fariseus também demonstram uma busca pela santidade – algo ligado sobretudo aos sacerdotes, pois lidavam com a santidade divina no Templo – com suas 613 leis, sua tradição oral e cuidado com cada preceito sobre todas as circunstâncias da vida, buscavam o ideal de santidade. Buscava-se assim, de diversas formas, aquele ideal sacerdotal que não tinha outra razão senão a de colocar o povo em relação com Deus.⁴¹

É preciso dizer que no período em que Jesus se encarnou se esperava um novo sacerdócio que cumprisse as expectativas colocadas sobre o sacerdote no Antigo Testamento. “Se desejava um novo Moisés que fosse rei e legislador, sacerdote e profeta, quer dizer, um intercessor eficaz. Este pensamento está presente nos escritos de Fílon de Alexandria” (tradução nossa)⁴². Na literatura da época se dá grande importância à figura de Melquisedec, mencionado anteriormente, como modelo do sacerdócio esperado, figura a que voltaremos adiante quando tratarmos do sacerdócio de Jesus Cristo.

Mas, para além dessa espera no seio do judaísmo do tempo de Jesus, como o próprio Cristo lidou com a realidade do sacerdócio antigo? Ainda que Cristo confrontasse com certa frequência os sacerdotes, ele respeitava a instituição sacerdotal enquanto divinamente instaurada dentro da Lei divina⁴³. Na Parábola do Bom Samaritano (Lc 10,29-37) fica clara a reprovação de Jesus do comportamento do sacerdote levita que passa adiante ao ver o seu próximo ferido, necessitando de ajuda, demonstrando que um traço do verdadeiro sacerdócio é a caridade⁴⁴.

A relação entre Cristo e os sacerdotes judaicos não era simplesmente de um confronto sem motivação, mas era a instauração de um novo sacerdócio, de um novo templo, de um novo culto.

⁴⁰ VANHOYE, 1990, p. 43.

⁴¹ Cf. *El sacerdocio en la Sagrada Escritura*. (Tradução nossa). Disponível em: <<https://shortlurl.com/elsacerdocioenlasagradaescritura>>. Acesso em: 01 de abril de 2023, p. 05.

⁴² *El sacerdocio en la Sagrada Escritura*, p. 06.

⁴³ Cf. GALOT, 1981, p. 21.

⁴⁴ Cf. GALOT, 1981, p. 21-22.

A posição de Jesus frente ao sacerdócio judaico, essencialmente unido ao culto do templo, aparece na declaração: “Aqui está algo maior do que o templo” (Mt 12,6). Isto significa que nele existe um templo superior àquele de Jerusalém. A sua intenção não é de abolir o culto com sacerdócio, mas de assegurar, em um nível mais alto, o culto e a função sacerdotal. A diferença de nível é aquela que resulta da Encarnação; Jesus é maior que o templo, porque nele a presença divina é doada à maneira mais direta e mais concreta; é a presença de uma pessoa divina. Esta grandeza da pessoa divina caracteriza o culto e o sacerdócio que são inaugurados com a presença de Jesus sobre a terra. (tradução nossa) ⁴⁵

Sabemos assim que o confronto entre Jesus e os sacerdotes judeus se dava pela compreensão de culto e sacerdócio que eram diferentes. Os judeus eram ligados a um templo material, enquanto Jesus falava de um templo espiritual, que estaria no coração de cada um que tem fé e é batizado, pois, nessa dinâmica cada um dos cristãos participa da morte e ressurreição de seu Salvador, Jesus Cristo.⁴⁶ Mas, ainda que tenhamos falado da compreensão de Jesus sobre o sacerdócio verdadeiro e comentamos que ele veio instaurar um novo sacerdócio, há uma aparente ausência do elemento sacerdotal em Jesus, tema que nos chama a atenção e exige um aprofundamento maior.

1.5 A APARENTE AUSÊNCIA DO SACERDÓCIO EM JESUS

Folheando as páginas dos Evangelhos, jamais encontraremos alguma indicação que Jesus seja sacerdote, nunca essa palavra é usada para se referir seja ao próprio Cristo ou seus discípulos⁴⁷. As razões disso são muitas, algumas das quais ainda iremos abordar ao longo deste trabalho, mas, o que explica a aparente ausência dessa dimensão sacerdotal em Jesus?

Podemos colocar, como início de reflexão, o fato de que Jesus não se limitava a um ou outro título a ele atribuído, parecia haver um “desejo de não reduzir às fórmulas a revelação da sua identidade pessoal, como também a vontade de provocar um esforço de reflexão nos discípulos” (tradução nossa) ⁴⁸. Notamos que Jesus se preocupava em se apresentar à humanidade como um mistério a ser revelado e compreendido aos poucos, mas alguns elementos nos ajudam a pensar a aparente ausência do vocabulário sacerdotal para se referir a Jesus.

Em primeiro lugar, Jesus não participava de uma família sacerdotal, ele era da tribo de Judá e todos os sacerdotes do Antigo Testamento deveriam ser descendentes de Levi, a tribo

⁴⁵ GALOT, 1981, p. 22-23.

⁴⁶ Cf. GALOT, 1981, p. 24.

⁴⁷ Cf. GALOT, 1981, p. 18.

⁴⁸ GALOT, 1981, p. 19.

sacerdotal. Segundo a Lei, o sacerdócio era passado hereditariamente, por esse motivo não se podia entrever em Jesus o sacerdócio, segundo a Lei do Antigo Testamento, como de fato nem ele mesmo se manifestou como sendo sacerdote.⁴⁹

Em segundo lugar, além de não pertencer à família sacerdotal, os atos de Jesus o apresentam muito mais como um profeta, advertindo os sacerdotes de seu tempo contra o formalismo cultual⁵⁰. A santificação que Jesus propunha não se conseguia separando-se dos outros, mas acolhendo, cuidando, estando próximo do mais próximo, conforme aprendemos no Evangelho: “[...] amar o próximo como a si mesmo é mais do que todos os holocaustos e todos os sacrifícios” (Mc 12,33). Sua advertência aos sacerdotes era dura, ele queria resguardar o Templo do Senhor para o verdadeiro culto, não simplesmente um formalismo, neste sentido entendemos o cuidado de Jesus com o Templo, atualizando a profecia de Malaquias que diz: “Então, de repente, entrará em seu Templo o Senhor que vós procurais [...] ele é como o fogo do fundidor [...] ele purificará os filhos de Levi” (Ml 3,1-4).

Um terceiro ponto a se considerar é que durante toda a vida de Jesus, seus atos e palavras foram vistos sob a ótica do “messianismo real”, o sucessor do rei Davi que viria para instaurar o reino de Deus neste mundo, libertando Israel⁵¹. Outro aspecto que chama a atenção é a morte de Jesus, pois, não poderia esse evento ser lido sob o prisma do sacerdócio? Àquela altura a resposta é “não, não poderia”, pois, sua morte não parecia em nada com um sacrifício antigo que precisava ser feito por um sacerdote, com ritos, num lugar santo. A morte de Jesus, sob o ponto de vista do culto antigo, era apenas a execução de um condenado que não era gloriosa, mas infame, ao contrário dos sacrifícios⁵².

Com tudo o que dissemos, pode-se compreender o fato de que quando os primeiros cristãos vão falar de Jesus nunca usam um vocabulário sacerdotal. Ainda que se fale que Ele morreu por nós (Cf. I Ts 5,10; I Cor 15,3), a compreensão é de uma doação extrema, não de um sacrifício sacerdotal. Todos os termos usados para os discípulos também não são de cunho sacerdotal, mas designam serviços na comunidade, como por exemplo: *episcopos*, epíscopo, traduzido como bispo, aquele que vigia, ou *diákonos*, diácono, aquele que serve⁵³.

O fato de Jesus não dizer nunca ser um sacerdote nem atribuir tal título aos seus discípulos deve apontar pelo menos um ponto crucial, a saber, “que não se atribuía um

⁴⁹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 44.

⁵⁰ Cf. VANHOYE, 1990, p.44-45.

⁵¹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 45.

⁵² Cf. VANHOYE, 1990, p. 46.

⁵³ Cf. VANHOYE, 1990, p. 47.

sacerdócio similar àquele judaico de sua época” (tradução nossa)⁵⁴. Jesus realmente não queria ser sacerdote à maneira antiga, pelas razões aduzidas acima, nem que sua comunidade, ora fundada, tivesse sacerdotes como os judaicos⁵⁵.

Para além das distâncias, existiam alguns pontos de contato entre o sacerdócio antigo e o messias Jesus. Podemos notar uma ligação forte entre o Templo e o Messias, pois, na tradição do messianismo real, havia uma profecia que o filho de Davi construiria a casa de Deus (Cf. II Sm 7,1-5.13). Os evangelistas, muitas vezes, sublinham a ligação de Jesus com o Templo. Jesus afirma que este será destruído e em três dias ele o reconstruirá. A destruição do Templo antigo é fruto da recusa de Israel em ouvir Cristo e marca o fim do sacerdócio judaico. Quando Jesus ressuscita é aí que reconstrói o Templo, o seu Corpo. Confirma-se assim a tradição do messianismo real: O Filho de Davi construirá a casa de Deus.⁵⁶

Outra aproximação entre Cristo e o sacerdócio pode ser feita tendo em vista o relato da última Ceia. Jesus diz que oferece seu Corpo e seu Sangue, o que não passaria de uma doação heroica se ele não tivesse invocado a palavra “aliança”. Ele diz que é o sangue da nova aliança e isso lembra o sacrifício feito por Moisés no Sinai quando da Antiga Aliança: “Moisés tomou do sangue e o aspergiu sobre o povo, e disse: ‘Este é o sangue da aliança que Iahweh fez convosco, através de todas essas clausulas’” (Êx 24,8). Soma-se a isso o fato de estar na Páscoa, o que nos lembra do cordeiro pascal que sempre deveria ser ofertado a Deus, sendo assim Jesus apresentado como o cordeiro pascal.⁵⁷

Finalizando este capítulo da pesquisa, podemos concluir que a essa altura não encontramos evidências nos escritos sagrados já investigados que nos mostrem que havia uma dimensão sacerdotal em Cristo. Se temos como base a compreensão veterotestamentária sobre o sacerdócio não encontraremos, em Cristo ou em seus discípulos, verdadeiros sacerdotes, à maneira judaica. A este respeito, uma citação do professor García-Moreno é esclarecedora:

Os outros escritos do Novo Testamento [menos a carta aos Hebreus] jamais falam do sacerdócio de Jesus Cristo. É, sem dúvida, um silêncio chamativo que muitos trataram de explicar. No fundo, todos concordam que o sacerdócio de Jesus Cristo era tão distinto e original que a terminologia vigente não servia em absoluto para expressar aquela realidade tão nova e tão profunda. Como ocorreu com outros temas, foi preciso cunhar uma terminologia nova, ou usar a existente com significados diversos. Este último não se fez no caso do sacerdócio, para evitar equívocos, ao menos na primeira época.⁵⁸

⁵⁴ GALOT, 1981, p. 19.

⁵⁵ Cf. GALOT, 1981 p. 20.

⁵⁶ Cf. VANHOYE, 1990, p. 48.

⁵⁷ Cf. VANHOYE, 1990, p. 48-49.

⁵⁸ GARCÍA-MORENO, Antonio. *Teología bíblica del sacerdocio. Aspectos Joanneos*. In MATEO-SECO y otros (eds), *La formación de los sacerdotes en las circunstancias actuales*. Pamplona, 1990. pp. 293-299.

De tudo que dissemos até aqui, concluímos que não encontramos nos Evangelhos nenhuma indicação de Jesus como sacerdote, nem ele falando de si mesmo nesse sentido, nem outros lhe atribuindo tal título. O que podemos perceber é que existem algumas aproximações entre Jesus e uma dimensão sacerdotal, mas não propriamente aquela compreensão do Antigo Testamento. Cristo instaura um novo sacerdócio que será compreendido somente ao longo da história do cristianismo, pensado e apresentado como uma teologia robusta, uma cristologia sacerdotal, na carta aos Hebreus, único escrito neotestamentário que apresenta Jesus como Sumo-sacerdote, e que será investigado em nosso próximo passo dessa análise teológica.

2. O NOVO SACERDOTE: JESUS CRISTO

No segundo capítulo de nossa pesquisa, trataremos do sacerdócio novo instaurado por Jesus, partindo da concepção do sacerdócio antigo, tratado anteriormente, faremos uma análise do tema “sacerdócio” nos Evangelhos, a respeito de Jesus, e um estudo sobre a Epístola aos Hebreus. A carta aos Hebreus é um escrito muito importante quando se trata do sacerdócio visto no Novo Testamento, sobretudo porque apresenta a cristologia sacerdotal, que será ponto-chave para entender o sacerdócio na Igreja, tal como o vivemos hoje, e que será o foco do nosso terceiro capítulo.

Começando por questões relacionadas aos termos usados para designar o sacerdócio no Novo Testamento, passaremos então à análise mais atenta da Epístola aos Hebreus, apresentando Cristo como sacerdote, bem como as características deste sacerdócio. Responderemos à questão de como Cristo se tornou sumo sacerdote e apresentaremos a figura de Melquisedeque associada a Jesus Cristo. Por fim, neste capítulo, apresentaremos a “consagração” de Jesus como sacerdote, seu sacrifício e os frutos deste sacrifício para nós, cristãos.

2.1 QUESTÕES DE VOCABULÁRIO: O TEMA SACERDOTAL NO NOVO TESTAMENTO

Como já tivemos ocasião de notar no primeiro capítulo deste trabalho, jamais nos Evangelhos o termo “sacerdote” é usado como uma forma de caracterizar Jesus Cristo ou seus discípulos. Convém, no entanto, mencionarmos uma parte interessante neste estudo de vocabulário que nos mostra que as palavras gregas, que se referem ao sacerdócio de alguma maneira, aparecem algumas vezes no Novo Testamento e com nuances diferentes.

A palavra “sacerdote” (*hiereús*) aparece 11 vezes somando-se os quatro evangelhos, mas jamais se referindo a Jesus, sempre referindo-se aos sacerdotes judeus, contudo, na carta aos Hebreus esta palavra aparece 14 vezes e no Apocalipse é usada 3 vezes. Já o vocábulo “sumo sacerdote” (*archieús*) aparece 25 vezes em Mateus, 22 no evangelho segundo Marcos, 15 em Lucas, 21 no Evangelho segundo São João e mais 22 vezes nos Atos, além de 17 usos deste vocábulo na Epístola aos Hebreus, totalizando 122 vezes que essa palavra é utilizada no

Novo Testamento. Vocábulos relacionados ao sacerdote, como “sacerdócio” (*hierosýne* ou *hieráteuma*) aparecem também algumas vezes ao longo de todo o Novo Testamento.⁵⁹

Destes dados já colocados, percebemos que nos escritos paulinos⁶⁰ há uma ausência quase completa do tema e a Carta aos Hebreus menciona mais vezes o tema, que também aparece na Primeira Carta de Pedro e no Apocalipse. Se nossa pesquisa se aprofunda, nesse sentido, e colocamos um filtro nessas menções a termos “sacerdotais”, buscando apenas as ocasiões em que o vocabulário sacerdotal foi aplicado a Cristo ou aos cristãos temos um novo quadro de dados.

A palavra “sacerdote” (*hiereús*) não aparece atribuída a Cristo, ou a seus discípulos, nenhuma vez nos Evangelhos, nem nos Atos, mas é usada 7 vezes na Carta aos Hebreus, nesse sentido, e 3 vezes no Apocalipse. Já a palavra sumo sacerdote (*archiereús*) é usada 10 vezes na carta aos Hebreus indicando Cristo. Palavras relacionadas, tais como, sacerdócio (*hierosýne* e *hieráteuma*) aparecem respectivamente 1 vez na carta aos Hebreus e 2 vezes na Primeira Carta de Pedro.⁶¹ Logo, destas informações, temos que somente a Carta aos Hebreus aplica a Cristo o título de sacerdote ou sumo sacerdote e a Primeira Carta de Pedro e o Apocalipse mencionam o sacerdócio ligado aos fiéis cristãos.

Poderíamos pensar que como é um tema pouco mencionado e totalmente ausente em tantos livros do Novo Testamento, poderia se dizer que havia uma compreensão que Jesus não era sacerdote, não tinha nenhuma ligação com essa realidade. Essa posição, contudo, não é formulada em nenhuma parte do Novo Testamento e a ausência de uma negativa sobre o sacerdócio de Cristo é importante, pois demonstra que não havia contrários a esse entendimento, ainda que ninguém tenha feito uma formulação teológica, tal como fez o autor da carta aos Hebreus, que ora analisaremos.⁶²

2.2 A EPÍSTOLA AOS HEBREUS: AUTORIA, DATA, TEMA E ESTRUTURA

A Epístola aos Hebreus traz muitas questões para os exegetas, devido à sua originalidade frente a outros escritos neotestamentários. Uma dessas questões é quanto à autoria do texto da carta, pois, “a Igreja do Ocidente, até o fim do séc. IV, recusou-se a atribuí-la a São

⁵⁹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 55.

⁶⁰ Cartas escritas por São Paulo: Primeira e Segunda Cartas aos Tessalonicenses, Primeira e Segunda Cartas aos Coríntios, Carta aos Gálatas, Carta aos Romanos, Carta aos Filipenses, Carta aos Efésios, Carta aos Colossenses, Primeira e Segunda Cartas a Timóteo, Carta a Tito e Carta a Filêmon. Cf. Introdução às Epístolas de São Paulo, **Bíblia de Jerusalém**, p. 1956-1964.

⁶¹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 56.

⁶² Cf. VANHOYE, 1990, p. 57.

Paulo; e se a do Oriente aceitou esta atribuição, não foi sem fazer às vezes certas reservas no tocante à sua forma literária (Clemente de Alexandria, Orígenes)”⁶³. Contudo, Scott Hahn, teólogo americano, comenta que houve um caminho de atribuição ou não da autoria a São Paulo, pois, se no século IV santos como Agostinho e Jerônimo aceitavam tal ideia e no período de Santo Tomás de Aquino ficou amplamente aceita tal teoria, no século XVI, Martinho Lutero contestou a autoria paulina da Carta aos Hebreus, atribuindo a Apolo de Alexandria a redação. No Concílio de Trento a carta aos Hebreus foi listada como carta de São Paulo, mas hoje “a maioria dos estudiosos rejeita uma visão estrita da autoria paulina da carta aos Hebreus”⁶⁴.

Existem aproximações entre o texto da carta aos Hebreus e outros escritos que constam no *corpus paulinum*⁶⁵. Temas como a Lei antiga dada por meio dos anjos que aparece em Hb 2,2 e em Gl 3,19; Abraão que aparece como exemplo da fé em Hb 6,12-15 e em 11,19, tal como em Rm 4,17-21; e a Aliança do Sinai que é colocada em oposição à Nova Jerusalém em Hb 12,18-24 e em Gl 4,24-26. Além dos temas, também o fato de citar Timóteo em 13,23 e a linguagem faz lembrar das cartas que Paulo escreveu as cartas pastorais e as do cativo.⁶⁶

A respeito da autoria da carta, podemos afirmar com razoável certeza, em nossos tempos que não houve uma autoria direta de São Paulo, isto é, este texto não saiu de sua pena, mas pode ter sido escrita por um discípulo seu ou naquele ambiente. A este propósito, como fechamento do tema da autoria, citamos a reflexão a seguir:

Para a vasta maioria dos acadêmicos modernos, a melhor explicação para a combinação dos rastros do pensamento de Paulo com os seus elementos de estilo é dada pela hipótese que identifica o autor com um discípulo de Paulo. Assim, a tradição da autoria paulina continua sendo razoável, se entendemos que o *conteúdo* doutrinal de Paulo, mesmo se a sua *composição* literária seja obra de um colaborador anônimo que expressara o ensinamento paulino de modo particularmente elegante. Neste caso, a “origem paulina” da Carta aos Hebreus pode ser mantida sem definir a natureza exata da relação de Paulo com a obra.⁶⁷

Depois de enfrentar a questão da autoria, convém saber ao menos sumariamente qual a data da escrita da Epístola aos Hebreus. A datação do texto pode ser deduzida de um fato narrado ao longo da carta, a saber, que o Templo de Jerusalém parece estar de pé quando da escrita da carta. Isso é sugerido porque em Hb 10,1-3 se fala dos sacrifícios ofertados no Templo com os verbos no tempo presente, como se fossem naquele período mesmo que estivessem

⁶³ Introdução à Epístola aos Hebreus in Bíblia de Jerusalém, p. 1083.

⁶⁴ HAHN, Scott; MITCH, Curtis; WALTERS, Dennis. **A carta aos hebreus**: cadernos de estudo bíblico. Trad. Rafael Tavares. Campinas: Ecclesiae, 2020, p. 19.

⁶⁵ Termo usado para se referir ao conjunto dos escritos de São Paulo, apóstolo.

⁶⁶ Introdução à Epístola aos Hebreus in Bíblia de Jerusalém, p. 1083.

⁶⁷ HAHN; MITCH; WALTERS, 2020, p. 20.

sendo feitos. Outro ponto é que em 8, 13 dá-se a ideia de que a Antiga Lei ainda não tinha desaparecido, mas que estava prestes a acontecer, da qual o Templo é imagem simbólica. Além disso, o fato de que o autor jamais fala da destruição do Templo como fato consumado faz pensar que ele está datado de antes do ano 70 d.C. quando o Templo de Jerusalém foi destruído. Esse silêncio é também emblemático, já que seria um argumento factual para demonstrar que a Antiga Aliança foi sucedida pela Nova. A partir desses pontos, podemos datar a carta aos Hebreus como sendo da década de 60 d.C.⁶⁸

Quanto ao tema da carta aos Hebreus já mencionamos que ela trata bem profundamente sobre o sacerdócio de Jesus Cristo, aliás, é a única carta que trata deste tema em todo o Novo Testamento. Também há uma teologia da Aliança muito bem refletida neste texto, mas que só nos tocará de maneira a elucidar melhor o primeiro tema a que aludimos, o sacerdócio de Cristo. A propósito do tema sacerdotal citamos uma apresentação sumária da Epístola sob essa ótica:

A carta aos Hebreus descreve Jesus Cristo como o sumo sacerdote do céu (4,14), que ofereceu o seu sangue de uma vez por todas para a nossa redenção (9,11-14) e agora intercede junto do Pai em nosso favor (7,25). O seu ministério no santuário celestial (8,1-6) foi feito possível pela sua ressurreição para uma vida imortal (7,16) e pela sua ascensão junto à presença de Deus (9,24). Ele é “Aquele que vem” segundo a descrição do sacerdote eterno do Sl 110,4, entronizado como rei junto ao Senhor e ordenado como sacerdote à semelhança de Melquisedec (Hb 7,1-19). Este sacerdócio “melquidedequiano” de Cristo é em tudo superior ao sacerdócio de Aarão e seus descendentes estabelecido sob Moisés. Entre as deficiências da ordem de Aarão, podem-se elencar: seus ministros oficiam na terra (8,4); estão marcados pelo pecado (5,3); são continuamente substituídos por seus sucessores por causa da morte (7,23); o seu ofício não é dado sob juramento (7,21); e os seus sacrifícios são incapazes de tirar o pecado (7,27; 10,1-4). Cristo, ao contrário, ministra no santuário do céu (8,1-2); é completamente sem pecado (4,15); a sua imortalidade elimina a necessidade de sucessores (7,24); o seu sacerdócio é estabelecido sob juramento divino (7,20-21); e o seu único sacrifício é o meio definitivo para a expiação dos pecados (10,5-18).⁶⁹

Assim, investigamos qual foi o autor da Carta aos Hebreus, sua datação e um de seus temas principais, que nos interessa, o sacerdócio de Cristo. Agora, cabe-nos apresentar uma estrutura, um esquema em que a carta pode se dividir, até porque isto nos ajudará em nossa investigação conduzida no presente capítulo. Ainda que se possa dividir a Carta aos Hebreus em esquemas diferentes, a depender da ótica pela qual se visualiza, a nós interessa a divisão em torno do tema “sacerdócio de Cristo”, por isto, podemos entrever a seguinte estrutura no texto⁷⁰.

⁶⁸ HAHN; MITCH; WALTERS, 2020, p. 20.

⁶⁹ HAHN; MITCH; WALTERS, 2020, p. 21-22.

⁷⁰ Cf. VANHOYE, 1990, p. 79-80.

I. Exposição geral de Cristologia	1,5 – 2,18
1. Cristo, Filho de Deus	1,5-14
– Exortação	2,1-4
2. Cristo, irmão dos homens	2,5-18
II. Primeira exposição sobre o sacerdócio de Cristo (aspectos fundamentais)	3,1 – 5,10
1. Sumo sacerdote digno de fé, porque Filho de Deus	3,1-6
– Alerta contra a falta de fé	3,7 – 4,14
2. Sumo sacerdote misericordioso, porque solidário com os homens	4,15 – 5,10
III. Segunda exposição sobre o sacerdócio de Cristo (aspectos específicos)	5,11 – 10,39
– Chamada de atenção	5,11 – 6,20
1. Nova ordem sacerdotal	7,1-28
2. Nova realização sacerdotal	8,1 – 9,28
3. Definitiva eficácia sacerdotal	10,1-18
– Consequências para a vida cristã	10,19-39

Agora com o esquema bem definido temos o caminho aberto para investigar alguns aspectos do tema sacerdotal na Epístola, não esgotando o tema, mas mencionando seus pontos principais.

2.3 JESUS CRISTO COMO SUMO SACERDOTE E A CATEQUESE CRISTÃ PRIMITIVA

Vimos que a carta aos Hebreus foi escrita por volta do ano 60 d.C., ora, temos então um hiato considerável entre o período que Jesus morre, ressuscita, sobe aos céus e a Igreja está iniciando até a escrita da carta que ora estudamos, esse período é de pelo menos mais de 20 anos. Mas a Igreja não ficou sem uma doutrina nesse período e uma catequese já era dada aos fiéis sobre o mistério de Cristo. Convém analisarmos qual a relação que pode haver entre a catequese cristã primitiva e o tema do sacerdócio em Jesus Cristo.

A princípio, é preciso mencionar que nenhum outro texto antes da carta aos Hebreus havia usado tantos termos culturais ligados ao Antigo Testamento levando a perceber em Cristo o sacerdócio. O texto mais antigo que assimila Cristo ao sacrifício pascal é I Cor 5,7: “[...] nossa Páscoa, Cristo, foi imolado”. Também Rm 3,25 (Deus o expôs como instrumento de propiciação, por seu próprio sangue, mediante a fé), I Jo 2,2 (Ele é a vítima de expiação pelos

nossos pecados. E não somente pelos nossos, mas pelos de todo o mundo) e I Jo 4,10 (Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou-nos seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados) aproximam Jesus de termos cultuais, mas jamais chamam-no de sacerdote. Em I Pe 1,18-19 se chama Cristo de “cordeiro sem defeito” e em Ef 5,2 diz-se que Cristo “ofereceu-se” em sacrifício. Na última menção, Cristo aparece como aquele que se ofereceu, isto é, ele não sofre a ação, ao contrário, ele a pratica, é ele quem dá a sua vida. Mas poderíamos afirmar que ele é sacerdote com base nisso? O autor da Carta aos Hebreus faz exatamente esse caminho, partindo dessa ideia já presente na catequese cristã primitiva.

A Epístola aos Hebreus não chama Jesus de sacerdote desde o início, ela só o faz pela primeira vez em 2,17, onde podemos notar uma dupla inovação: tanto em relação à ideia antiga de sacerdócio quanto em relação à catequese cristã primitiva. Aqui a condição para ser sumo sacerdote é que Jesus se tornasse em tudo semelhante aos irmãos: “Convinha, por isso, que em tudo se tornasse semelhante aos irmãos, para ser, em relação a Deus, Sumo Sacerdote misericordioso e fiel, para expiar assim os pecados do povo” (Hb 2,17). Ao contrário do sacerdócio antigo, onde era preciso fazer ritos de separação, para o sacerdócio de Cristo é necessário que ele se torne em tudo semelhante aos irmãos. Enquanto o sacerdócio judaico exigia ausência de defeito físico e nenhum contato com a morte, Jesus se tornou sumo sacerdote porque assume nossa carne, participa de nossos sofrimentos e até mesmo de nossa morte⁷¹.

A catequese cristã primitiva tratava o mistério de Cristo em termos não cultuais ou sacerdotais, mas é possível perceber relações que existem entre as formas de apresentar a mesma realidade, Jesus. Há uma correspondência entre Lc 24,26 e Hb 2,17, por exemplo, vejamos esquematicamente:

“Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?” (Lc 24,26)	“Convinha [...] que em tudo se tornasse semelhante aos irmãos, para ser [...] Sumo Sacerdote” (Hb 2,17)
--	---

À pergunta “não era preciso?” feita no Evangelho a Carta responde que “Ele devia”. À expressão “que o Cristo sofresse” a Carta menciona “que em tudo se tornasse semelhante aos irmãos” e à “glória” mencionada por São Lucas corresponde o “tornar-se Sumo sacerdote”. O que podemos notar é uma transposição da linguagem evangélica para uma linguagem

⁷¹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 62-63.

sacerdotal. A paixão de Cristo se torna consagração e sua glória é tornar-se sumo sacerdote. Hb 2,17 é resultado de um caminho de raciocínio que trata das duas fases de Cristo: sofrimento e glória. A paixão é o caminho para alcançar a glória, que consiste em ser Sumo sacerdote⁷².

Em Hb 1,5-14, Cristo é apresentado glorioso e em Hb 2,5-18 se conta como Cristo chegou à glória, ou seja, em retrospectiva, tal como era na catequese cristã primitiva (cf. At 2,36). No primeiro capítulo da carta aos Hebreus (1,5-14), usa-se muitas profecias do Antigo Testamento que eram comuns para os cristãos e em Hb 2,5-18 o autor continua usando essas citações conhecidas dos primeiros cristãos. Ora, desse ensinamento que já era tradicional para os cristãos, o autor passa a uma linguagem sacerdotal fundada no fato de que Jesus é o messias sentado à direita do Pai, conseguiu a glória morrendo na cruz e tornou-se perfeito mediador entre Deus e os homens, em outras palavras, sumo sacerdote.⁷³

Como a linguagem para se falar do mistério de Cristo muda, o messianismo real dá lugar à linguagem sacerdotal. Ao invés de falar de uma “morte” por nós, fala-se da “purificação” dos pecados. O amor de Cristo pela justiça o leva ao sacrifício que realiza esta purificação. Em Hb 2,9 faz-se a relação de causalidade entre a Paixão e a Glória. Mas de que glória podemos dizer que uma pessoa consegue ao sofrer? Seria essa uma glória da realeza? A nós parece estranho tal relação de causa e efeito, mas o autor da Carta aos Hebreus faz um aprofundamento na tese apresentada.⁷⁴

Jesus em sua morte é glorificado como Sumo sacerdote por dois aspectos complementares, onde um causa o outro: obediência filial a Deus e solidariedade fraterna com os homens. Jesus tem a glória real e sacerdotal, ele alcança essa glória por ter sofrido a morte. A solidariedade de Cristo com os homens foi total, pois, ele não rejeitou nenhuma das condições humanas e sua solidariedade é universal, ele morreu por todos. Jesus assume nossa condição para abrir-nos um caminho de salvação, nossa existência provada e dolorosa, uma vez assumida por Cristo, torna-se caminho de libertação. Cristo alcança a glória por meio do sofrimento e comunica ao homem sua glória. Jesus morre como homem para ressuscitar e abrir um caminho de salvação para o homem.⁷⁵

O autor da carta aos Hebreus inova ao fazer notar que a posição que Cristo assume é aquela que se esperava de um sumo sacerdote: ser mediador. Em Hb 2,10 usa-se um verbo grego

⁷² Cf. VANHOYE, 1990, p. 64-65.

⁷³ Cf. VANHOYE, 1990, p. 66-68.

⁷⁴ Cf. VANHOYE, 1990, p. 68-69.

⁷⁵ Cf. VANHOYE, 1990, p. 69-71.

que está presente na Septuaginta⁷⁶ sempre que se fala da consagração dos sacerdotes, a saber, o verbo *teleiun*, que significa, “tornar perfeito, levar à perfeição”. Na passagem que ora mencionamos, se diz que “convinha, de fato, que aquele por quem e para quem todas as coisas existem, querendo conduzir muitos filhos à glória, levasse à perfeição (*teleiun*), por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles” (Hb 2,10). Levando-se em consideração que esse termo era usado para se referir à consagração dos sacerdotes no Antigo Testamento, podemos entender que o autor da carta aos Hebreus quer levar-nos à compreensão que a Paixão foi a consagração de Cristo, o que será tema para nosso estudo mais adiante.⁷⁷

Pelo imenso amor que Cristo tem pelo Pai e pela solidariedade sem limites que Ele tem pelos homens, Cristo é intimamente unido a Deus na glória celeste e continua unido a nós: é o mediador perfeito. O autor reconhece na passagem que citamos que eram necessários os meios empregados para alcançar-nos a salvação. O autor não fala do aspecto ritual do sacerdócio, mas do que é essencial, do principal, isso é um fato notável, daí a insistência em falar do amor a Deus e aos homens em Jesus, isso é o essencial no sacerdócio cristão.⁷⁸

No Antigo Testamento não se insistia tanto sobre a solidariedade entre o sacerdote e o povo porque se tinha muito medo que o sacerdote se tornasse indigno de apresentar-se diante de Deus. Já com Cristo era evidente que, sendo Filho de Deus, o que se precisava esclarecer era sua ligação conosco, pois, Ele devia participar de toda a nossa realidade para alcançar-nos a salvação.⁷⁹ A fé na filiação divina era evidente para os primeiros cristãos, o que se precisava esclarecer é que Jesus era verdadeiro homem, assumindo nossa condição, numa solidariedade total, seguindo a máxima teológica de São Gregório de Nissa: “O que não foi assumido, não pode ser redimido”⁸⁰.

Todos esses pontos vão nos fazendo adentrar no pensamento que coloca Cristo como sacerdote, mas não nos explica pormenorizadamente como era esse sacerdócio, quais suas características, seus atributos, assuntos de nosso próximo ponto de reflexão.

2.4 CARACTERÍSTICAS DO SACERDÓCIO DE CRISTO

⁷⁶ Tradução grega do Antigo Testamento, segundo a tradição, feita por 70 rabinos, daí seu nome remeter ao número setenta.

⁷⁷ Cf. VANHOYE, 1990, p. 72.

⁷⁸ Cf. VANHOYE, 1990, p. 72.

⁷⁹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 73.

⁸⁰ Cf. BENTO XVI, **Audiência Geral**, 22 de agosto de 2007. Acesso em: 15 de maio 2024. Disponível em: <vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiencias/2007>.

A epístola aos Hebreus esboça uma teologia do sacerdócio de Cristo, ou poderíamos dizer, uma cristologia sacerdotal, pois entende o mistério de Cristo a partir de seu sacerdócio. O versículo 17 do capítulo 2 da carta menciona que Cristo se tornou um “sumo sacerdote misericordioso e fiel”, são dois termos bem importantes para a cristologia sacerdotal, pois são pontos chave para entender o novo sacerdócio, sob uma nova perspectiva.

Neste ponto de nosso estudo vamos investigar as características do sacerdócio de Cristo conforme é apresentado na carta aos Hebreus, a saber, sua (1) autoridade, (2) misericórdia, (3) solidariedade, e (4) eternidade. Não são as únicas características, é verdade, mas podem ser enumeradas como as principais, dado que nosso estudo precisa focar no essencial a respeito do tema.

2.4.1 Autoridade de Cristo como sacerdote

Como mencionamos, em Hb 2,17 Cristo é apresentado como sumo sacerdote misericordioso e fiel. São dois termos gregos usados para designar o sumo sacerdote, a saber, *eleemon* que significa misericordioso e *pistós* que significa fiel. A nós interessa agora investigar o termo *pistós* em seu significado mais profundo. Ora, a palavra fiel em português teria diversos significados, ou seja, quem é fiel a um contrato feito, alguém que crê em alguma divindade e por isso assim é chamado, ou alguém que é digno de fé. Cristo é chamado de *pistós* exatamente no último sentido, ou seja, ele é “digno de fé”.

A autoridade de Cristo como sacerdote pode ser vista nessa palavra, pois, Ele é digno de fé porque está entronizado junto a Deus Pai. O autor da carta aos Hebreus não quer falar de uma autoridade que Cristo possuiu no passado, mas que é atual, Ele tem essa autoridade agora junto de Deus⁸¹. O próprio autor da carta aos Hebreus comenta essa fidelidade de Cristo em 3,1-6, fazendo uma comparação entre Jesus e Moisés, tal como aparece em Nm 12,1-8: “Ouvi, pois, as minhas palavras: Se há entre vós um profeta, é em visão que me revelo a ele, é em sonho que lhe falo. Assim não se dá com meu servo Moisés, a quem toda a minha casa está confiada. Falo-lhe face a face, claramente e não em enigmas, e ele vê a forma de Iahweh”. Citamos o trecho que mais nos interessa, por demonstrar a autoridade de Moisés sobre a casa de Israel, a casa de Deus, neste trecho se fala da Palavra e de que Moisés era digno de fé, mas, Jesus é ainda maior que Moisés e digno de fé, porque sua posição é superior à daquele. O autor

⁸¹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 81.

da carta aos Hebreus quer mostrar que Cristo é o sumo sacerdote que transmite a Palavra definitiva de Deus e que tem direito a uma adesão sem reservas.⁸²

Em Hb 3,1 fala-se de Cristo como sumo sacerdote da fé que professamos, o que faz-nos pensar em uma função ativa desse sacerdócio, qual seja, a de proclamar a Palavra para ser crida. Isso fica claro no uso do termo apóstolo que remete ao uso do mesmo termo em Malaquias (Cf. Ml 2,7). Ao usar o título de apóstolo o autor põe em evidência no sacerdócio de Cristo o aspecto de transmissão da Palavra de Deus e o aspecto de autoridade. Sobre esse tema, vale a pena citar a síntese feita por Vanhoye:

Fazendo a síntese da exposição (Hb 3,1-6) com a exortação (3,7-4,13), a conclusão de toda a seção (4,14) exprime de novo com força a ligação que existe entre a autoridade da palavra e o sacerdócio. O autor lembra que “nós temos um sumo sacerdote” e define com traços vigorosos a sua posição elevada: ele é “eminente”, “atravessou os céus” e é “Filho de Deus”. Assim se encontra fundada a autoridade da sua palavra sacerdotal, à qual nós devemos responder com uma adesão sem reservas “mantendo-se firme na profissão de fé”. A perspectiva é extremamente límpida: essa apresenta Cristo como “sumo sacerdote digno de fé”. (tradução nossa)⁸³

Outro elemento que demonstra a autoridade de Jesus como sacerdote é sua relação com a “casa de Deus”. A palavra *oikós* palavra grega que significa casa, aparece seis vezes em Hb 3,1-6 e isso aponta para o nível da relação de Jesus com Deus, o quanto tem autoridade. Em Hb 3,2 se fala da “casa”, mas “casa” de quem? Pode ser a casa de Moisés, conforme apontamos a relação entre Cristo e Moisés (Nm 12,1-8), pode ser também a casa Jesus ou daquele que constituiu Jesus. Comparando com Nm 12,1-8 sabemos que não é a casa de Moisés, pois, lá se fala da casa de Deus, pois Ele mesmo diz: “minha casa”. Resta dois sentidos possíveis: Casa de Cristo ou Casa do Senhor. Não nos parece que seja uma ou outra opção, mas a união das duas, pois, para o autor da carta aos Hebreus, claramente se trata da casa de Deus, mas ela é, além disso, a casa de Cristo, ambos estão unidos.⁸⁴

A análise agora busca o sentido da palavra “casa” nas Sagradas Escrituras e porque ela traz tanta autoridade ao se dizer que a casa de Cristo é a casa de Deus. No Antigo Testamento usa-se o termo casa sempre para se designar o santuário. O Targum de Onkelos fala do povo e de outras realidades como “casa de Deus”, mas sempre ligados ao santuário, pois, não somente o santuário, bem como os objetos e todas as pessoas que estão ligadas a ele são também casa de Deus. Citando Hb 3,3 (“Ele foi, de fato, considerado digno de maior honra do que Moisés.

⁸² Cf. VANHOYE, 1990, p. 82.

⁸³ VANHOYE, 1990, p. 84.

⁸⁴ Cf. VANHOYE, 1990, p. 84.

Pois o arquiteto tem maior honra do que a própria casa”), Jesus é comparado a Moisés, mas se evidencia sua autoridade superior. Enquanto Moisés gozava de grande autoridade, mas permanecia sendo “parte da casa de Deus”, Cristo é o arquiteto, o construtor desta casa e, naturalmente, o construtor é superior à casa que ele constrói. A autoridade de Cristo é de um nível diferente.⁸⁵

O tema da casa de Deus como símbolo da autoridade de Cristo é importante devido à retomada que o autor da carta aos Hebreus faz da promessa que o Senhor fez de que o Filho de Davi, seu descendente, construiria a casa de Deus, como vemos em I Cr 17,13, que enfatiza os traços messiânicos desse filho de Davi. Tratando-se do texto de I Cr 17,13 em grego, vemos que Deus promete que manterá o filho de Davi digno de fé (*pistós*) na sua casa (*oikós*), o que nos remonta ao tema que já tratamos. É a base escriturística que sustenta a cristologia sacerdotal ligada à doutrina tradicional do messianismo davídico, pois, o descendente de Davi que era esperado é esse sacerdote digno de fé que construiu a casa de Deus.⁸⁶

O autor da carta aos Hebreus faz então uma analogia entre um construtor e o Criador, dizendo que ambos têm uma glória. O construtor tem uma glória semelhante à do Criador, porque ele também é superior à casa que construiu. Para além das analogias, voltando ao tema que tratávamos, sobre a casa de Deus construída por Jesus, esta não deve ser imaginada como parte da criação, portanto, inferior. Ela é uma nova criação que não acabará como este mundo. Moisés era servidor do Senhor para ser testemunha do que deveria ser dito, já Jesus é o Filho e sua autoridade é superior, exigindo ainda mais solicitude.⁸⁷

Em Hb 3,6b o autor passa à concepção cristã do santuário ao afirmar que “esta casa somos nós”, isto é, tornamo-nos casa de Deus ao sermos casa de Cristo. Para isto “é suficiente [...] ser dócil à voz do Cristo que lhe chama à esperança e manter a sua adesão a ele” e nos tornando partícipes de Cristo, os cristãos formam uma comunidade que é “habitação de Deus a muito melhor título que qualquer edificio material” (tradução nossa)⁸⁸. Há, portanto, duas dimensões inseparáveis: o crente está numa relação pessoal com Deus pela mediação de Cristo, mas vive a fé numa “casa”, numa comunidade.

Por fim, a respeito deste tema da autoridade de Cristo, é interessante mencionar porque a figura de Moisés apareceu algumas vezes em nossa reflexão. Na primeira seção (Hb 3,1-4,14) não se fala tanto de Jesus como sumo sacerdote, o que se explica pelo fato de ser Moisés a

⁸⁵ Cf. VANHOYE, 1990, p. 85.

⁸⁶ Cf. VANHOYE, 1990, p. 85-86.

⁸⁷ Cf. VANHOYE, 1990, p. 86-87.

⁸⁸ VANHOYE, 1990, p. 88.

figura de comparação e nunca ser dito que este foi sacerdote. O autor da carta aos Hebreus quis falar primeiro de Moisés em relação a Cristo para tratar da autoridade que vem da Palavra de Deus e que tem ligação com o sacerdócio, o que o torna digno de fé, porque é o portador da Palavra. Para tanto, foi proposital que se comparasse Cristo com a maior autoridade do Antigo Testamento no que se refere à Palavra de Deus, demonstrando a superioridade de Jesus.⁸⁹

2.4.2 Misericórdia e sacerdócio em Cristo

Em Hb 2,17 é mencionado que Cristo é um sumo sacerdote misericordioso e fiel, ora, sobre a fidelidade de Cristo, que gera sua autoridade, já tivemos ocasião de analisar, agora cabe-nos entender a misericórdia, *eleemon*, de seu sacerdócio. O autor da carta aos Hebreus foca na dupla característica do sacerdote: próximo de Deus e próximo dos homens. Ele é glorioso e sofre nossas misérias, eis o verdadeiro sacerdócio.⁹⁰

Ao falar da misericórdia de Jesus, o foco está em apresentá-lo como capaz de compartilhar nossa fraqueza, porque assumiu na carne nossas enfermidades, teve a experiência. É por isso que precisamos da graça divina, para vencer nossas debilidades, mas essa graça passa pelo homem Jesus, eis a mediação. Cristo sofreu a provação e a tentação, mas não cedeu, por isso não tem pecado. Assumiu nossas culpas sem ter tido pecados, ao que poderiam se perguntar se Cristo não deveria ter pecado para ser totalmente solidário. A resposta é um não incisivo, pois, o pecado nunca une, sempre separa, gera egoísmo. A verdadeira solidariedade é carregar o peso da pena do pecado e não se tornar cúmplice. Jesus assume o peso dos nossos pecados e ao sofrer em sua carne, Ele fez que nossas provas se tornassem momentos privilegiados de encontro com Ele, pois, está ao nosso “flanco”.⁹¹

Podemos perceber duas diferenças com relação ao sacerdócio do Antigo Testamento: a) com relação ao pecado e b) com relação à capacidade de compaixão. Em relação ao pecado (a) a Lei não previa que o sumo sacerdote fosse sem pecado, mas que, estando em pecado, oferecesse animais imolados para remediar essa situação. Já com relação à capacidade de compaixão (b) o fato do sacerdote ser pecador não significava ser misericordioso e ter compaixão, ao contrário, ele era aquele que queria se separar de toda culpa e perseguir implacavelmente os pecadores, deveria se separar até da família. Só o que importava era a

⁸⁹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 89-90.

⁹⁰ Cf. VANHOYE, 1990, p. 91.

⁹¹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 91-93.

relação entre o sacerdote e Deus⁹². “Contemplando Jesus na sua paixão, o autor formou uma imagem nova do sacerdócio, e foi conduzido a colocar em primeiro plano um aspecto que, até agora, não tinha chamado muito a atenção” (tradução nossa) ⁹³, a saber, a compaixão e a solidariedade sacerdotal, tema de nosso próximo ponto de reflexão, de certa forma ligado à misericórdia sacerdotal.

2.4.3 A solidariedade no sacerdócio de Cristo

O autor da carta aos Hebreus sublinha um aspecto determinado sobre o sacerdócio: a misericórdia e a participação nos sofrimentos. Nesta perspectiva ele apresenta o sumo sacerdote em Hb 5,1-4:

Porquanto todo Sumo Sacerdote, tirado do meio dos homens é constituído em favor dos homens em suas relações com Deus. Sua função é oferecer dons e sacrifícios pelos pecados. É capaz de ter compreensão por aqueles que ignoram e erram, porque ele mesmo está cercado de fraqueza. Pelo que deve oferecer sacrifícios tanto pelos pecados do povo quanto pelos seus próprios. Ninguém, pois, se atribua esta honra, senão o que foi chamado por Deus, como Aarão!

Em primeiro lugar, o sumo sacerdote aparece ligado aos homens, tanto na origem quanto na destinação, é sacerdote para os homens. Para oferecer dons e sacrifícios de expiação pelos pecados do povo, mas não especifica o que deve ser ofertado, não fala da casa de Deus. O foco do autor é a situação concreta humana que necessita de expiação, pois estamos cheios de debilidade e malícia, daí a necessidade do sacerdote e essa necessidade é expressa pela primeira vez na carta, usando um vocabulário técnico ritual.⁹⁴

O sacerdote, desde o Antigo Testamento, tem pecados e precisa oferecer sacrifícios também pelos seus pecados. Ainda assim, por vezes diz-se do sumo sacerdote como de extraordinária dignidade. A carta aos Hebreus fixa seu olhar sobre um traço fundamental do sacerdócio, sua solidariedade com os homens pecadores. A solidariedade nada mais é que a participação na sorte dos que padecem algo, a compreensão e mais que isso, assumir o sofrimento do outro. Cristo, nesse sentido, é sacerdote porque é capaz de ter compreensão pois sofreu nossas dores e se compadece dos que ignoram e erram⁹⁵.

⁹² A esse respeito, conferir Ex 32,26 e Nm 25,11.

⁹³ VANHOYE, 1990, p. 95.

⁹⁴ Cf. VANHOYE, 1990, p. 95-96.

⁹⁵ Termo usado no Antigo Testamento para atenuar a culpa, em contraposição àqueles que cometiam os pecados com “a mão levantada”. (Cf. VANHOYE, 1990, p. 97)

Um outro aspecto que fica evidente no trecho que ora estudamos (5,1-4) é a humildade necessária ao sacerdote. Como Aarão, só é sacerdote quem é chamado. “A solidariedade com os homens miseráveis conduz à humildade diante de Deus” (tradução nossa)⁹⁶. Essa solidariedade que é vista também sob o prisma da humildade, podemos sintetizar da seguinte maneira: “[...] em vez de separação ritual, encontramos solidariedade existencial; em vez de exaltação, encontramos extrema humilhação, em vez de proibição de contato com a morte, encontramos a exigência de aceitar o sofrimento e a morte” (tradução nossa)⁹⁷.

2.4.4 O sacerdócio de Cristo é eterno

Teremos ocasião, adiante, de analisar a ligação que há entre a figura de Melquisedec e Jesus, quando trataremos do tópico ora apresentado com muito mais elementos. Somente para não perdermos um ponto importante de reflexão, mencionamos que o sacerdócio de Cristo possui um atributo que não existia no sacerdócio antigo, qual seja, a eternidade.

O sacerdócio antigo gozava de continuidade histórica mediante a linhagem levítico-aarônica, isto é, passava hereditariamente, por isso eram necessários muitos sacerdotes. Com Cristo foi diferente, já que o sacrifício de Cristo aconteceu de uma vez por todas e seu sacerdócio nunca acabará, já que ele é eternamente sacerdote, mediador perfeito, uma vez ressuscitado, está junto de Deus Pai intercedendo por nós continuamente. Para corroborar o que acabamos de mencionar e que adiante explanaremos com maiores detalhes, apenas citamos um trecho da carta aos Hebreus que demonstra o que já comentamos:

Neste sentido é que Jesus se tornou a garantia de uma aliança melhor. E além do mais, os outros tornaram-se sacerdotes em grande número, porque a morte os impedia de permanecer. Ele, porém, visto que permanece *para a eternidade*, possui sacerdócio imutável. Por isso é capaz de salvar totalmente aqueles que por meio dele, se aproximam de Deus, visto que ele vive para sempre para interceder por eles (Hb 7,22-25).

Adiante trataremos do tema da eternidade de seu sacerdócio sob a ótica dos textos que mencionam Melquisedec. Tendo claras algumas características do sacerdócio de Cristo, agora refletiremos sobre como a carta aos Hebreus explica o fato de Jesus ter se tornado sacerdote.

⁹⁶ VANHOYE, 1990, p. 98.

⁹⁷ VANHOYE, Albert. *La novedad del sacerdocio de Cristo*. Disponível em: <<https://shortlurl.com/lanovedaddelsacerdociodecristo>>. Acesso em: 01 de abril de 2023.

2.5 COMO CRISTO TORNOU-SE SUMO SACERDOTE? ANÁLISE DE HB 5,5-10

Falamos anteriormente das características principais do sacerdócio de Cristo, mencionamos que a carta aos Hebreus é o único escrito bíblico que chama Jesus de sacerdote, mas resta-nos a pergunta sobre como Cristo se tornou sacerdote. Como já tivemos ocasião de mencionar, o autor da carta aos Hebreus fez um aprofundamento teológico na cristologia sacerdotal e apresenta-nos no quinto capítulo uma descrição da pergunta que ora nos fazemos. Convém agora analisarmos pormenorizadamente Hb 5,5-10, colhendo diversos elementos que nos ajudam a entender como Cristo se tornou Sumo Sacerdote.

Já que iremos nos debruçar sobre o texto bíblico, citamos agora na íntegra, para depois analisarmos:

Deste modo, também Cristo não se atribui a glória de tornar-se Sumo Sacerdote. Ele, porém, a recebeu daquele que lhe disse: *Tu és meu Filho, hoje te gerei...* Conforme diz ainda, em outra passagem: *Tu és sacerdote para o éon, segundo a ordem de Melquisedec.* É ele que, nos dias de sua vida terrestre, apresentou pedidos e súplicas, com veemente clamor e lágrimas, àquele que o podia salvar da morte; e foi atendido, por causa da sua submissão. E embora fosse Filho, aprendeu, contudo, a obediência pelo sofrimento; e, levado à perfeição, se tornou para todos os que lhe obedecem princípio de salvação eterna, tendo recebido de Deus o título de Sumo Sacerdote, *segundo a ordem de Melquisedec.* (Hb 5,5-10)

Deste trecho, podemos distinguir três partes: a) Como se tornou sacerdote (5,5-6); b) A oferta dramática (5,7-8); e c) Resultado dessa oferta (5,9-10). Comparando 5,5 e 5,4 notamos um paralelismo, pois, Cristo não se atribuiu esta honra mas a recebeu do Pai. Em 5,5-6 é colocada ênfase no fato da humildade de Cristo que escolheu humilhar-se, fazer-se pequeno, igual a nós em tudo, exceto no pecado. No versículo 5 o autor faz uma citação do Salmo 2, demonstrando que é Deus quem fala sobre Jesus e no versículo 6 menciona o salmo 109 para nomear Cristo como sacerdote com base escriturística.⁹⁸

A respeito de Hb 5,8 o autor faz notar que existem duas perspectivas diferentes sobre a oferta de Cristo que se complementam: na primeira, Deus faz a vontade de Cristo ao escutar suas orações e na segunda, Cristo se submete dolorosamente à vontade de Deus. As duas perspectivas, na verdade, se complementam e são características da condição humana, o que demonstra até que ponto Cristo se tornou um de nós. Ao tratar dos “dias de sua vida terrestre”, o foco está em falar da humanidade de Cristo, sua mortalidade.⁹⁹

⁹⁸ Cf. VANHOYE, 1990, p. 99-100.

⁹⁹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 101.

O autor apresenta Jesus em 5,7 como aquele que rezou e chorou a Deus, evocando toda sua vida, seus sofrimentos, mas sobretudo a Paixão. Ele apresenta a Paixão como uma oração que é oferta. Ao evocarmos Hb 5,1 e lembrarmos que a função do sacerdote é oferecer sacrifícios, aqui em 5,7 vemos uma indicação clara que a Paixão é a oferta sacerdotal de Jesus. A respeito do fato de Jesus rezar e ser ouvido, sendo liberado da morte, os exegetas têm diversas opiniões. Harnack pensa que um copista apagou o “não foi ouvido” do texto original, já Jeremias diz que Cristo foi ouvido no sentido de que morre, mas ressuscita. Já nosso autor, Vanhoye, pensa que é melhor manter a imprecisão da resposta à pergunta, para que as diversas possibilidades sejam respeitadas, já que assim se manifesta o dinamismo próprio da mensagem divina.¹⁰⁰

Há quem diga que “foi ouvido” porque Cristo perdeu o medo da morte, mas não parece que essa ideia se sustente na língua grega, em que foi escrita a carta. Outros dizem que Cristo foi ouvido após a angústia. O que importa é que o termo *eulabeia* usado no texto nos aponta para o “temor religioso”, “respeito”, “piedade”, razão pela qual Cristo foi ouvido. O dinamismo interno de todo esse trecho é mostrar que na oração verdadeira não importa tanto o objeto da oração, mas a relação com Deus e a união das duas vontades no amor.¹⁰¹

A esse respeito, citamos textualmente um trecho da obra que nos ajuda a entender profundamente como foi essa oração de Cristo antes de sua oferta:

Assaltado pela angústia da morte iminente, Jesus experimenta o desejo instintivo de fugir. Ele não rejeita este impulso, mas o apresenta a Deus em uma oração suplicante, que brota com vigor da sua vontade humana de viver. Esta oração, todavia, era completamente penetrada de um profundo respeito a Deus (*eulábeia*) e se continha de impor a Deus qualquer solução pré-fixada. Aquele que reza não se permite de decidir sozinho ou de se libertar. Ele se abre à ação de Deus e acolhe a relação interpessoal. Se submete contemporaneamente a uma força de atração que, não sem um conflito doloroso, opera nele uma transformação. O objeto da oração é secundário. O que importa, antes de tudo, é a relação com Deus. (tradução nossa)¹⁰²

Adiante, no trecho que citamos da carta aos Hebreus, o autor menciona que Cristo aprendeu a obediência pelo sofrimento. É uma experiência universal que o sofrimento leva ao aprendizado. Na Bíblia, o sofrimento aparece como um momento de relação pessoal com Deus, onde Ele se mostra ao homem e o transforma, o faz dócil. Sofrendo, aprendemos a obediência que nos une a Deus. Cristo não precisava sofrer para aprender a obediência, mas isso nos mostra, mais uma vez, a radicalidade da encarnação, pois nós precisávamos sofrer, não éramos dóceis.

¹⁰⁰ Cf. VANHOYE, 1990, p. 102-103.

¹⁰¹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 103-104.

¹⁰² VANHOYE, 1990, p. 104.

Em Cristo foi feito um novo homem, uma nova criação, por isso se diz que Ele é o construtor da casa de Deus, da nova casa de Deus, que é o coração do homem unido ao coração de Cristo, aí Deus habita, porque é recriado. A ação de Cristo consiste em invocar a ação de Deus na oração e acolhê-la na obediência, num sofrimento educativo. Isso nos mostra o valor da obediência para a vida espiritual.¹⁰³

Por fim, a terceira parte do trecho que ora estudamos, Hb 5,9-10 pode ser dividida em três partes: a) levado à perfeição; b) tornou-se causa de salvação; e c) sendo proclamado sumo sacerdote. A transformação de Cristo (a) e a proclamação de seu sacerdócio (c) parecem convergir para colocá-lo em grau de oferecer a todos a salvação (b).¹⁰⁴

O ponto decisivo é a transformação. No grego, o verbo está no passado, indicando um fato acabado, completo. Como essa parte é continuação da anterior, podemos entender que Cristo aprendeu a obediência pelo sofrimento e foi levado à perfeição. A transformação que aqui se fala, em grego chamada *teleiosis*, acontece pela oração e acolhida dócil da vontade de Deus, gerando uma renovação radical da natureza humana, que se torna apta à perfeita comunhão com Deus. Rezando por si, Cristo rezava por nós, pois ele era um de nós e “a transformação efetuada nele não é a transformação individual *de um* homem isolado, é a transformação *do homem*, comunicável a todo homem” (tradução nossa)¹⁰⁵.

Em 5,10 é proclamado que Cristo é Sumo Sacerdote, tendo em vista o que vem antes, podemos afirmar que seu sacerdócio é o modo pelo qual alcançará a salvação para os seus. Há uma relação profunda entre Hb 2,17 e 5,10, porém, entre uma e outra passagem há um desenvolvimento. Em 5,10, Cristo “levado à perfeição” tem dois aspectos: Cristo assemelhou-se ao homem e o homem foi elevado, em Cristo, à perfeição. O paradoxo é que a perfeição (elevação) vem pela assimilação (abaixamento). A chave desse movimento está nas disposições interiores de Cristo, que, precisamente por serem interiores e não exteriores, que vem e vão, eram duradouras, quais sejam, (1) sua total docilidade a Deus e (2) seu amor fraterno pelos homens.¹⁰⁶

Esta transformação se torna, para Cristo, uma consagração sacerdotal. O verbo *teleiun* usado em 5,9 é o mesmo que no Pentateuco significa a consagração sacerdotal. É um uso técnico e o autor da carta aos Hebreus parece saber, dado seu conhecimento do Antigo Testamento. O autor aproxima então a consagração de Cristo e a consagração dos sacerdotes judeus, fazendo

¹⁰³ Cf. VANHOYE, 1990, p. 105-106.

¹⁰⁴ Cf. VANHOYE, 1990, p. 106.

¹⁰⁵ VANHOYE, 1990, p. 107.

¹⁰⁶ Cf. VANHOYE, 1990, p. 107-108.

notar que há continuidade entre o sacerdócio antigo e Cristo quando, ao falar em Aarão (5,4) diz que, do mesmo modo, Cristo foi chamado por Deus (5,5). É próprio da segunda parte da carta demonstrar esta continuidade e semelhança, primeiro em relação a Moisés (3,2) e agora Aarão (5,4-6).¹⁰⁷

De tudo o que dissemos neste tópico, podemos entender como Cristo se tornou Sumo Sacerdote, a saber, porque o Pai o instituiu assim, porque ele foi obediente e submisso à vontade do Pai e ofereceu preces, súplicas e o perfeito sacrifício. Cristo era verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus, e sendo plenamente das duas naturezas, operou a união delas, alcançando para nós a glória de Deus, pelo seu abaixamento. O sacerdócio de Cristo, tal como vimos, tem muitas características e uma delas é a eternidade, pois, depois de chegar à perfeição, Cristo foi consagrado, sendo portador de um sacerdócio eterno. Sobre a eternidade do seu sacerdócio, temos agora ocasião de analisar em relação à figura de Melquisedec.

2.6 SACERDOTE “SEGUNDO A ORDEM DE MELQUISEDEC” (Hb 7,11)

O sacerdócio de Cristo é apresentado inserido “segundo a ordem de Melquisedec”, para entender tal evocação é preciso saber quem é esta figura bíblica. Melquisedec é mencionado apenas em Gn 14,18-20 quando ele abençoa Abraão e recebe dele o dízimo. A este propósito, é interessante mencionar que é o primeiro “sacerdote” assim chamado na Bíblia e o primeiro a ser dito que era sacerdote do “Deus Altíssimo”¹⁰⁸. Novamente no Sl 110,4, a figura de Melquisedec é mencionada, ligando-o à profecia do Messias que seria sacerdote segundo a sua ordem. Esse personagem aparece breve e misteriosamente na narração de Gênesis como sacerdote do Deus Altíssimo, apesar que o termo original fizesse referência a dois deuses do panteão fenício, mas no texto sagrado, foi lido como sendo sacerdote do verdadeiro e único Deus. Ele é apresentado como rei de Salém, cidade à qual a tradição judaica e muitos Padres identificaram como sendo Jerusalém, cidade que depois o Senhor escolheria para habitar no meio do seu povo eleito.¹⁰⁹

O sacerdócio de Cristo segue a “ordem de Melquisedec”, mas aqui a alusão bíblica serve para uma explicação teológica, mais que uma exegese. O autor da carta aos Hebreus retoma a figura de Melquisedec para apresentar o sacerdócio de Cristo que é muito mais existencial que o sacerdócio levítico. Cristo se assemelha a Melquisedec por não ter um pai

¹⁰⁷ Cf. VANHOYE, 1990, p. 107-108.

¹⁰⁸ Cf. HAHN; MITCH; WALTERS, 2020, p. 42.

¹⁰⁹ Cf. Nota de rodapé (b) em Gn 14, 18, **Bíblia de Jerusalém**.

humano, pois, do segundo não temos uma genealogia, não se diz quem são seus pais, nem sobre seu nascimento nem sobre sua morte, Melquisedec aparece nas Sagradas Escrituras e desaparece misteriosamente. Diferente do sacerdócio levítico-aarônico, Cristo é sacerdote por ordem divina, não pela descendência carnal. Além disso, “Abraão, irmão mais velho de Aarão, reconheceu o sacerdócio de Melquisedec, dando-lhe o dízimo e recebendo sua bênção; por isso, o sacerdócio que descendia de Abraão devia esperar por aquele sacerdócio maior”¹¹⁰, sacerdócio este que já tinha sido reconhecido por ele, qual seja, o sacerdócio de Cristo.

Abordaremos agora a relação entre o personagem bíblico Melquisedec e o sacerdócio de Jesus Cristo, demonstrando que o sacerdócio deste existe sob uma nova forma, que não aquela dos levitas. Trata-se de uma investigação que se volta agora para o capítulo 7 da carta aos Hebreus. Enquanto em textos anteriores, o autor havia demonstrado a continuidade e semelhanças que haviam entre o sacerdócio de Cristo e os sacerdotes antigos¹¹¹, agora passamos a traços específicos do novo sacerdócio, preservando o essencial, ocorrem mudanças e o cumprimento dos desígnios de Deus.¹¹²

De Hb 5,11 a 6,20 o autor faz uma exortação e somente em 7,1-28 ele trata efetivamente do que falava em 5,10, portanto, podemos considerar 7,1 como continuação direta de 5,10, sobretudo para fins da nossa pesquisa. Podemos entrever aqui três partes da estrutura que apresentamos anteriormente, apresentando os traços específicos do sacerdócio de Cristo, na seguinte ordem: a) A posição pessoal do sacerdote (7,1-28); b) A atividade sacrificial do sacerdote; e c) Os frutos desta atividade (10,1-18).¹¹³

Em 6,20 o autor retoma o versículo que será explicado ao longo do próximo capítulo da carta, isto é, que Cristo foi feito sacerdote “segundo a ordem de Melquisedec”. Em 7,28 o autor retoma o tema de 5,9, sobre Cristo “ter sido levado à perfeição” e que será explicado em 8,1-9,28. Em 9,28, o autor da carta retoma o tema de 5,9b ao tratar da salvação, que será explicada em 10,1-18.¹¹⁴

A respeito de Cristo como sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedec, o pensamento do autor parte de Cristo contemplado como Sumo Sacerdote, como cumprimento do Sl 110,4 que diz que “Iahweh jurou e jamais desmentirá: ‘Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec’”. Depois disso, o autor da carta aos Hebreus chega à figura

¹¹⁰ McKENZIE, 1983, p. 549.

¹¹¹ Isso foi feito quando tratamos do capítulo 5 da carta aos Hebreus, que do versículo 1 a 4 fala dos sacerdotes antigos e do versículo 5 a 10 trata de Cristo como sacerdote, mas sempre fazendo uma relação entre eles, como por exemplo, ao dizer que Aarão foi chamado por Deus, bem como Jesus que recebeu o sacerdócio do Pai.

¹¹² Cf. VANHOYE, 1990, p. 117.

¹¹³ Cf. VANHOYE, 1990, p. 118-120.

¹¹⁴ Cf. VANHOYE, 1990, p. 119.

de Melquisedec, mas não simplesmente fazendo uma menção a Gn 14,18-20. Em Hb 6,20 resta evidente que o ponto de partida é Cristo glorificado e Melquisedec aparece como um precursor¹¹⁵, como uma prefiguração deste mesmo Cristo glorificado que é sacerdote para a eternidade, sem início e sem fim.¹¹⁶

Podemos fazer um paralelo entre Hb 6,20 e 7,3, onde se diz que Jesus tem um sacerdócio que “permanece para a eternidade” e Melquisedec é sacerdote “perpétuo”. Vanhoye explica que em relação a este último trata-se de um sacerdócio sem interrupção, como prefiguração do sacerdote que permanece para a eternidade, o verdadeiro sacerdote, o Filho de Deus. O autor colhe das etapas da Revelação o sentido do sacerdócio, ao notar que Jesus glorificado é o cumprimento do Sl 110 e a realização do que era prefigurado em Melquisedec, apresentado em Gn 14,18-20.¹¹⁷

Melquisedec pode ser entendido como prefiguração de Cristo por diversos motivos, dos quais apontamos alguns. O próprio nome “Melquisedec” pode significar “rei de justiça” e “rei de paz”, os dons que se esperava do rei-messias. Depois, diz-se que ele era rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo, o que une a autoridade real e sacerdócio. Sobre Gn 14, notamos que o silêncio da Escritura é importante. Sempre era apresentada a genealogia dos sacerdotes e sobre Melquisedec nada se é dito, demonstrando-se tratar de um sacerdócio todo particular, sem início nem fim.¹¹⁸

Em Hb 7,3 se diz que Melquisedec “se assemelha ao Filho de Deus”, pois não tem genealogia humana nem limitação no tempo. Mas existem possibilidades para essa semelhança, seria na preexistência eterna do Filho de Deus, na sua existência humana ou na glória. Não pode ser na preexistência eterna, porque o Filho sempre foi Filho mas nem sempre foi sacerdote, pois já vimos que a própria carta aos Hebreus afirma que ele “tornou-se sacerdote”. Também não pode ser em sua existência humana, pois, Cristo tinha uma mãe, tinha uma genealogia, sua vida teve início e fim, diferentemente de Melquisedec.¹¹⁹

A semelhança entre Cristo e Melquisedec, sob o ponto de vista da filiação divina, vem então na glória. É sobre Cristo glorificado que se aplica o texto, pois, no ressuscitado não se tem pai nem mãe, nem genealogia, já que ele é o primogênito da nova Criação, é este o sacerdote que Melquisedec prefigurava. Para o autor da carta não era suficiente que Cristo fosse Filho de Deus para ser “sacerdote”, Ele precisava de uma “consagração” para levar à plenitude os dois

¹¹⁵ Cf. HAHN; MITCH; WALTERS, 2020, p. 42.

¹¹⁶ Cf. VANHOYE, 1990, p. 121.

¹¹⁷ Cf. VANHOYE, 1990, p. 122.

¹¹⁸ Cf. VANHOYE, 1990, p. 122-123.

¹¹⁹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 123-124.

lados da mediação sacerdotal, isto é, elevar o homem a Deus e trazer Deus aos homens. O foco na filiação divina é importante porque nesta posição não há ninguém que se compare a Jesus, essa é a ligação mais estreita que um sacerdote pode ter com Deus e é uma realidade na vida de Cristo.¹²⁰

Comentando Hb 7,4-10, percebemos que o autor da carta apresenta as diferenças entre o sacerdócio levítico e o de Melquisedec, sendo este último considerado superior. Retomando o encontro de Melquisedec e Abraão, o autor diz que este pagou o dízimo ao primeiro.¹²¹ Ora, os levitas recolhiam o dízimo dos israelitas, todos descendentes de Abraão, mas, este devolveu o dízimo a um sacerdote sem genealogia, deixando clara a existência deste sacerdócio e que seria de uma ordem superior, até porque anterior à própria tribo de Levi, sendo “a forma original e pré-levítica de sacerdócio exercido durante o longo intervalo da história pré-mosaica”¹²².

Melquisedec abençoa Abraão e sempre quem abençoa é superior. A bênção é sempre descendente, vem de Deus (Cf. Jo 1,17) ou de alguém autorizado por Ele. Depois, em 7,8 o autor evidencia a ausência de limites temporais na existência de Melquisedec em comparação com Aarão e os outros levitas que morrem. Tudo isso aponta para as diferenças entre os dois sacerdócios.¹²³

Já tratando-se de Hb 7,11-28, o autor da carta desenvolve essas diferenças já apontadas, bem como advoga a superioridade do sacerdócio melquisedequiano em relação ao levítico. De 7,11 a 7,19 podemos mencionar o primeiro traço característico do novo sacerdócio, isto é, não vem pelo sangue, mas é classificado pelo chamado que Deus faz, não é pela descendência, mas “segundo a ordem de Melquisedec”. Um segundo traço é que o novo sacerdócio é “para sempre”. Não bastava a ausência de genealogia para garantir essa estabilidade, mas, pela força da ressurreição de Cristo que temos um sacerdote eterno, com uma vida indestrutível.¹²⁴

O autor da carta aos Hebreus critica o sacerdócio levítico e demonstra a superioridade do novo sacerdócio, com a consequente supressão do antigo. Tomando em consideração o oráculo do Senhor no Sl 110 e relendo os acontecimentos da Paixão e Ressurreição sob essa ótica, o sacerdócio novo é estável eternamente acima do antigo. Um elemento imprescindível no antigo sacerdócio é a Lei, ambos com a finalidade de unir os homens a Deus, a Lei cumpre papel de destaque e ela tutelava até mesmo o próprio sacerdócio. A essa altura, o autor usa o termo *teleiosis* perguntando-se se isso acontecia com o sacerdócio levítico. O autor toma o

¹²⁰ Cf. VANHOYE, 1990, p. 125-126.

¹²¹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 126.

¹²² HAHN; MITCH; WALTERS, 2020, p. 43.

¹²³ Cf. VANHOYE, 1990, p. 127.

¹²⁴ Cf. VANHOYE, 1990, p. 128-129.

termo nos dois sentidos possíveis: “ação de tornar perfeito” ou “sacrifício de consagração sacerdotal”. Ora, uma consagração realmente torna perfeito o sacerdote para aproximar-se de Deus, por isso o uso desse termo sempre para se referir à consagração sacerdotal.¹²⁵

O ritual de consagração sacerdotal do Antigo Testamento, no entanto, não operava a transformação interior necessária para que o sacerdote pudesse se apresentar diante de Deus com um coração transformado. Eram ritos exteriores que não efetuavam o que simbolizavam, daí a necessidade de um sacerdócio diferente. Foi na Paixão e Ressurreição de Cristo que foi operada uma transformação na humanidade de Cristo. Em Hb 7,28 temos a conclusão de tudo o que foi dito. Os sacerdotes antigos estavam sob a Lei, mas não eram transformados, enquanto Cristo se tornou perfeito conforme a palavra do juramento (Sl 110,4) e capaz de ligar o homem a Deus porque recriou a humanidade. O homem Jesus foi consagrado sacerdote e por ser Filho de Deus é proclamado sacerdote eternamente, conforme o oráculo, e sendo assim o sacerdócio antigo foi abolido, não tem mais razão de existir.¹²⁶

2.7 A CONSAGRAÇÃO DE CRISTO

Para finalizarmos nosso tratamento da carta aos Hebreus, passamos ao trecho de Hb 8,1 a 9,28. Nesta seção, faz-se uma reflexão sobre o sacerdócio de Cristo fundado na sua oferta, ação, onde o autor quer nos mostrar o caminho traçado por Cristo e que nós também vamos seguir para sermos transformados, isto é, consagrados. É interessante apresentarmos a estrutura em que podemos dividir o texto: a) 8,3-9,10 fala do culto antigo e b) 9,11-28 fala do mistério de Cristo. Enquanto no culto antigo ofereciam-se dons e sacrifícios, múltiplos e exteriores, tratando-se do mistério de Cristo a oferta foi de si mesmo, oferta única e pessoal.¹²⁷

Hb 8,3-9,28



- A) Nível do culto (8,3-6)
- B) Questão da Aliança (8,7-13)
- C) Descrição do culto antigo (9,1-10)



- C') Descrição do culto de Cristo (9,11-14)
- B') Fundação da Aliança (9,15-23)
- A') Nível final do culto (9, 24-28)

¹²⁵ Cf. VANHOYE, 1990, p. 130-132.

¹²⁶ Cf. VANHOYE, 1990, p. 133-134.

¹²⁷ Cf. VANHOYE, 1990, p. 138-139.

A estrutura acima nos ajudará a entender a dinâmica do texto que ora analisamos. O tema central de todo esse trecho é o ato da oferta de Cristo. Sobre o trecho percebemos que B fala da Aliança antiga e de uma nova Aliança já anunciada por Jeremias e cumprida em Cristo em B'. Enquanto C se ocupa em descrever o culto antigo, o texto de C' apresenta Cristo numa nova liturgia. Já A foca em falar do culto antigo que aparece como terrestre e figurativo, enquanto A' apresenta o culto de Cristo que é celeste e autêntico, por isso, definitivo.¹²⁸

A estrutura aqui é concêntrica, pois o principal está no centro, a ação sacrificial de Cristo. Apesar do autor sempre retornar ao culto antigo em seus termos, o convite que ele faz é de avançar. Apesar dos ritos serem parte da religiosidade natural, o ritualismo não pode se tornar uma forma de fugir da realidade. O sacerdócio de Cristo não é terrestre (8,4) porque ele não tem genealogia, exigida pela Lei, mas os sacerdotes segundo a Lei eram terrestres, seus sacrifícios eram impotentes, porque sombras do sacerdócio real. A ação sacerdotal de Cristo não significa que há uma cerimônia no céu, mas que os acontecimentos o levaram ao céu e ao cumprimento existencial da consagração. O aspecto cerimonial fica para o culto terrestre, enquanto sombra do verdadeiro culto celeste, como argumento o autor utiliza o texto de Ex 25,40.¹²⁹

O autor da carta aos Hebreus reconhece um duplo valor no culto antigo, quais sejam, que ele é uma imitação humana de um modelo divino e que tem uma função profética de prefigurar o desígnio de Deus. Em 8,6 se demonstra o papel de mediador de Cristo para uma nova Aliança. Ora, qualquer aliança entre homem e Deus precisa de um ato de culto com mediação que supere os obstáculos para unir as partes. Se a Aliança substituiu a antiga é porque esta não era suficiente, segundo o autor a Aliança antiga foi ab-rogada porque imperfeita e provisória, esse é o aspecto de ruptura. Em relação ao local, em 9,1 o autor qualifica o culto antigo como terrestre e lembra que o lugar santo era terrestre, o que não é a melhor qualidade para o que se pretendia ser o santuário de Deus. O Templo, como também as tendas, eram todas construções humanas, sendo a verdadeira tenda o Céu. Todas as ofertas segundo os ritos antigos fazem parte do tempo presente, enquanto Cristo inaugura tempos futuros, nova Criação.¹³⁰

O autor da carta aos Hebreus menciona que o sacrifício transforma a consciência e todos os sacrifícios antigos não serviam senão como ritos exteriores, “tornavam perfeitas as mãos”, não a consciência. Em 9,8 é usada uma linguagem de espaço e movimento, em 9,9 uma linguagem de transformação pessoal e em 9,11-14 vemos Cristo como a verdadeira via. O nível

¹²⁸ Cf. VANHOYE, 1990, p. 139-140.

¹²⁹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 140-142.

¹³⁰ Cf. VANHOYE, 1990, p. 143-147.

do culto antigo era terrestre e figurativo, a Aliança era imperfeita e provisória, o lugar santo inautêntico e os ritos privados de eficácia.¹³¹

A análise de Hb 9,11-12 nos oferece a clareza de uma estrutura concêntrica. No início, Cristo com seu título de Sumo Sacerdote e no final sua entrada no santuário, obtendo uma redenção eterna. No centro da frase estão os elementos mais importantes: a tenda (o caminho) e o sangue (o meio). O sangue oferecido é o do próprio Cristo e a tenda nos faz lembrar que Cristo sentou-se à direita de Deus, Ele reconstruiria o Templo e isso está muito claro na catequese primitiva, onde Ele é compreendido como o Templo verdadeiro.¹³²

Sobre a Tenda, apresentada no Antigo Testamento, agora é edificada uma nova tenda, mais perfeita, o próprio Corpo de Cristo glorificado, nova criação. Quando Cristo morre e ressuscita, ele nos liberou o acesso à tenda verdadeira, capaz de nos colocar em comunhão com o Senhor. A ressurreição de Cristo não é um retorno à vida simplesmente, mas a transformação que muda a situação existencial de todos os homens. É uma “tenda maior” porque o Corpo de Cristo não está limitado como a antiga tenda, Ele tem a capacidade de acolher a todos que aderirem a ele pela fé.¹³³

Em Hb 9,14 fala-se que Cristo ofereceu-se a si mesmo, esta é uma linguagem ritual, Cristo é apresentado como vítima sacrificial e adere voluntariamente à Paixão. Ao aceitar e abraçar a Paixão, Cristo transforma toda a humanidade, porque transforma o coração do homem. Jesus é ao mesmo tempo sacerdote e vítima. Podia ser vítima porque não tinha pecados, era imaculado, e era capaz de oferecer o sacrifício perfeito porque possuía o Espírito eterno, que cumpre o papel do fogo nos sacrifícios, consumindo a oferta. A força do Espírito Santo inflama o coração de Jesus inspirando uma adesão perfeita à vontade de Deus e levando a solidariedade fraterna até a morte.¹³⁴

Esse sacrifício é cruento, com derramamento de sangue, pois era uma ideia do Antigo Testamento que uma aliança entre os homens e Deus se funda sobre um sacrifício dessa forma, nesse sentido, a Nova Aliança cumpre o requisito e é superior à Antiga. Concretamente, o evento da Paixão é uma morte, não tratada do ponto de vista ritual, mas existencial. A palavra *diatheké* pode significar também testamento e todo testamento tem um fundamento, sendo que o testamento divino, superior, funda-se sobre o único evento irreversível: a morte. O homem

¹³¹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 148.

¹³² Cf. VANHOYE, 1990, p. 150-152.

¹³³ Cf. VANHOYE, 1990, p. 153-155.

¹³⁴ Cf. VANHOYE, 1990, p. 155-157.

precisava de uma purificação desde dentro que só poderia ser causado pela morte, para que os pecados fossem purificados.¹³⁵

A morte de Cristo é apresentada sob três aspectos: 1) pena expiatória; 2) sacrifício de Aliança; e 3) condição para entrada em vigor do testamento. A morte de Cristo tirou o obstáculo do pecado que se opunha à existência de uma verdadeira Aliança e o fez de forma definitiva, não sendo necessário que se repita, porque alcançou a salvação de uma vez por todas. O sacrifício de Cristo é eficaz porque é oferta pessoal de obediência, de acordo com a vontade do Pai (Hb 10,5-7).¹³⁶

Até aqui falamos da *teleiosis* de Cristo, isto é, da consagração e transformação dele, mas em Hb 10,14 há o anúncio de que Cristo transformou os seus irmãos, levou-nos à perfeição, tal como Ele, fez-nos participar de sua consagração. Ao contrário do Antigo Testamento, não somente Cristo pode aproximar do Pai, mas todos os que passarem pela *teleiosis*. O sacrifício de Cristo tem como motivação o amor a Deus e aos irmãos, por isso estes mesmos “irmãos” de Jesus podem se associar à sua consagração, mediante a adesão pela fé.¹³⁷

Era preciso uma transformação do coração, como Jr 31,33 já anunciava. A nova Aliança seria marcada no coração. Nas Sagradas Escrituras, o coração é o mais profundo do homem, seu ser. Para que a Lei fosse escrita no coração era preciso mais que uma emoção e sim uma luta, uma agonia. Somente Cristo era capaz de passar por essa provação e ter seu coração marcado por Deus, com a Lei inscrita no profundo de seu coração. A fé é o que nos torna participantes desta nova vida, em comunhão com Deus, ainda que o sacerdócio enquanto mediação seja único e exercido somente por Cristo, eis uma novidade cristã que abordaremos pormenorizadamente no próximo capítulo, o único sacerdócio de Cristo.¹³⁸

Em Hb 10,19 vemos que as barreiras foram eliminadas e todos podem aproximar-se de Deus, aderindo a Cristo pela fé. Com a oferta de si mesmo e a assimilação total aos homens, Cristo nos fez novos homens, capazes de Deus. Outro aspecto é que nos tornamos capazes de oferecer sacrifícios, mas o maior deles é “a transformação da nossa vida pela caridade divina” (tradução nossa)¹³⁹, unindo o amor a Deus e aos irmãos, fazendo a vontade de Deus, como Cristo fez. Jesus é a via, é o mediador de quem recebemos o Espírito Santo e é por Ele que entramos no Santuário.¹⁴⁰

¹³⁵ Cf. VANHOYE, 1990, p. 160-161.

¹³⁶ Cf. VANHOYE, 1990, p. 161-169.

¹³⁷ Cf. VANHOYE, 1990, p. 171-172.

¹³⁸ Cf. VANHOYE, 1990, p. 173-174.

¹³⁹ VANHOYE, 1990, p. 176.

¹⁴⁰ Cf. VANHOYE, 1990, p. 175-177.

Três atitudes marcam o cristão, como vemos em Hb 10,22-25. Primeiro, a fé em Jesus como mediador, esse é o passo fundamental antes de qualquer lei. Depois, a esperança, porque colocamos nossa fé no Senhor e esperamos o cumprimento. A terceira atitude é a caridade, pois, não há espaço para individualismo, os cristãos se ajudam. Também pelos sacramentos a mediação de Cristo se manifesta, como por exemplo, no Batismo e na Eucaristia. Também os dirigentes da comunidade cristã são figuras da mediação de Cristo, que nos coloca em comunhão com o Pai.¹⁴¹

O sacerdócio de Cristo é único, mas não é fechado, pois, todos os batizados participam de seu sacerdócio. Ele oferece a verdadeira via para alcançar Deus. Ainda que seja-nos dado participar do sacerdócio de Cristo, é preciso lembrar que ele tem dois aspectos: *oferta e mediação*. A nós é dada a participação em poder fazer ofertas, mas a mediação é somente Cristo quem faz, como por exemplo nos sacramentos.¹⁴² Poderíamos resumir da seguinte maneira tudo o que dissemos sobre o sacerdócio de Cristo, com o que nos afirma Vanhoye:

Os cristãos são, pois, convidados a superar a concepção antiga do culto e do sacerdócio. Esses têm um sacerdote, mas de um gênero de todo diverso. Têm um culto sacrificial, mas sem imolações de animais. A sua vocação não os leva a colocar a fé em ritos exteriores, mas a passar pelo sacrifício existencial de Cristo e usufruir assim da sua mediação sacerdotal. Aderindo por meio da fé a Cristo sacerdote, deixando-se purificar com o seu sangue e santificar com a oferta do seu corpo, entrando os mesmos cristãos no movimento do seu sacrifício, se tornam capazes de render a Deus um culto autêntico que consiste na transformação da sua existência por meio da caridade divina. (tradução nossa)¹⁴³

Resta evidente que o sacrifício de Cristo nos alcançou a salvação, Ele é verdadeiramente sacerdote e vítima e do seu sacerdócio nós participamos, pois, ainda que seja único, Ele nos associa a si, propõe a nós uma via, da entrega a Deus, cumprindo sua vontade. Essa participação no sacerdócio de Cristo se difere entre o povo e os dirigentes da comunidade, em outros termos, entre os leigos que participam do sacerdócio comum e os padres e bispos que participam do sacerdócio ministerial. No próximo capítulo trataremos de como se dá essa participação, da diferença e das aproximações entre cada um deles, das passagens bíblicas que corroboram a teologia do sacerdócio comum e ministerial e do magistério atual sobre o tema.

¹⁴¹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 178-183.

¹⁴² Cf. VANHOYE, 1990, p. 184.

¹⁴³ VANHOYE, 1990, p. 183.

3. IGREJA: POVO SACERDOTAL

Vimos que no Antigo Testamento tínhamos um entendimento sobre o sacerdócio e o culto que eram devidos ao Senhor, os sacerdotes eram homens separados para Deus, de uma tribo e família específica que deveriam oferecer sacrifícios de diversos tipos para colocar o homem em comunhão com Deus. Esse sacerdócio antigo perdurou até o tempo de Jesus e foi muito criticado por ele pelo seu aspecto ritual não ser acompanhado de um culto que chegasse ao coração. Por essa discrepância, os primeiros cristãos jamais atribuíram a Cristo o título de sacerdote, mas no seio do cristianismo nascente houve indícios da doutrina que seria desenvolvida posteriormente.

Na carta aos Hebreus, como tratamos no capítulo anterior, existe a atribuição do título de sacerdote a Cristo, não mais um sacerdote como os judeus, mas de um novo gênero, instituído “segundo a ordem de Melquisedec”. Esse sacerdócio de Cristo foi recebido do Pai, chamado por Ele, um sacerdócio exercido de uma vez por todas na cruz, onde Cristo se oferece como vítima pelos pecados da humanidade e ao morrer e ressuscitar conquista a glória da eternidade para todo o gênero humano. Esse é o fruto do sacerdócio de Cristo para nós, a participação na vida de Deus.

O sacerdócio de Cristo, contudo, não é somente uma realidade que ele possui, mas compartilha, deseja que participemos também. Dois escritos do Novo Testamento demonstram que os cristãos são um povo de sacerdotes, somos sacerdotes individualmente e todos unidos. A Primeira Carta de Pedro e o Apocalipse se utilizam de uma passagem do livro do Êxodo para apresentar o sacerdócio dos cristãos, tema que ora tratamos.

3.1. UM POVO SACERDOTAL: I Pd 2,1-10

O povo da Nova Aliança selada no altar da cruz por Cristo é um povo sacerdotal, herdeiro das promessas endereçadas ao povo de Israel. Neste sentido, São Pedro retoma uma passagem do Antigo Testamento contendo uma promessa para o povo e desenvolve o tema aplicando a mesma promessa aos cristãos. O versículo que nos será oportuno estudar é o seguinte: “Mas vós sois uma *raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de sua particular propriedade*, a fim de que proclameis as excelências daquele que vos chamou das trevas para sua luz maravilhosa” (I Pd 2,9). Tal promessa está contida em um texto veterotestamentário que analisaremos adiante.

Outro aspecto importante do texto de I Pd 2,1-10 é que nele temos a afirmação do sacerdócio de todos os fieis. O texto parece tratar-se de uma catequese batismal e isso se torna ainda mais claro quando menciona o ato de depor os velhos hábitos, lembrando as duas dimensões do batismo: ruptura e adesão. Ruptura com o mal, com o antigo homem e adesão a Cristo, com o que a nova vida proporciona e requer. Podemos dividir o texto do segundo capítulo de I Pd em pelo menos três partes, sendo a primeira de I Pd 2,1-3, com um tom de catequese batismal, depois de 4-5, apresentando a adesão do cristão ao mistério de Cristo e o que daí resulta, seguido em 6-10, da prova escriturística da doutrina anunciada.¹⁴⁴

Todo esse trecho que ora comentamos está fundado sobre a passagem de Êx 19,6, na qual vemos Deus chamando seu povo de sacerdotes e que será objeto de nossa investigação a seguir. O texto diz: “Vós sereis para mim um reino de sacerdotes, uma nação santa”. Sobre essa promessa, Pedro escreve sobre os cristãos serem sacerdotes.

3.1.1 Reminiscência do Antigo Testamento: Êxodo 19,6

O texto de Êxodo 19,5-6 está no contexto da Antiga Aliança e nele aparece a promessa de Deus em eleger Israel para ser uma nação santa, um reino de sacerdotes. Aqui, aparece claramente a eleição de Israel frente aos outros povos, sua predileção da parte de Deus. Afirmando que o povo de Israel era um reino de sacerdotes não se está querendo explicar a organização interna do povo, ou seja, que sacerdotes deveriam estar no governo ou qualquer outro tipo de organização, senão que o povo de Israel possui uma ligação com Deus superior aos outros povos, porque todo ele é sacerdotal.¹⁴⁵

Desde o início, o sacerdócio aparece como uma instituição divina em Israel, querida pelo Senhor para manter a relação com Ele. É preciso se precaver de uma interpretação muito abrangente do sacerdócio, pois, era muito claro para Israel que existiam os sacerdotes especializados e que a eles competia o contato mais próximo com o Senhor, do qual o episódio envolvendo Coré é emblemático¹⁴⁶. Todo o povo é sacerdotal, mas existem sacerdotes que são instituídos por Deus para o serviço do altar.

Como sabemos, o Antigo Testamento foi escrito em hebraico, mas traduzido para o grego, segundo a tradição, por 70 rabinos, daí o nome dado à tradução de *Septuaginta*. A carta

¹⁴⁴ Cf. VANHOYE, 1990, p. 189-190.

¹⁴⁵ Cf. VANHOYE, 1990, p. 191-192.

¹⁴⁶ “Quando Coré suscita um movimento de contestação contra o privilégio dos sacerdotes e declara: ‘Toda a comunidade, todos os seus membros são consagrados’, a sua reivindicação se vê rejeitada no modo mais enérgico, com uma intervenção divina fulgurante” (VANHOYE, 1990, p. 193, tradução nossa).

de Pedro usa esta tradução grega para citar Êx 19,6 mas substitui a palavra *hiereis* por *hieráteuma*. A palavra *hiereis* corresponde a sacerdotes no plural, enquanto a palavra *hieráteuma* é uma criação dos tradutores. Esta palavra tem uma tríplice conotação: a) se aplica a pessoas; b) considerada enquanto grupo; e c) enquanto se caracterizam com uma função específica. A palavra *hieráteuma*, portanto, se refere a algo concreto, em resumo, com um sentido “pessoal-corporativo-funcional”, poderíamos dizer: um organismo sacerdotal e/ou funcionamento sacerdotal.¹⁴⁷

3.1.2 Comparação entre Êxodo 19,6 e I Pedro 2,9

Comparando as passagens de Êxodo 19,6 e I Pedro 2,9 temos uma semelhança fundamental e algumas diferenças. A semelhança é que ambos aplicam a palavra *hieráteuma* no singular, ou seja, indicando uma corporação com uma função sacra. Por outro lado, enquanto no texto de Êxodo a promessa de Deus está voltada para o futuro – “Vós sereis” –, em I Pedro o tempo verbal usado é o presente – “Vós sois”. Enquanto o texto do Antigo Testamento restringia a promessa aos israelitas, a carta de Pedro dirige essa palavra de promessa também às nações pagãs que são chamadas a serem cristãs.

Em I Pd 2,5, o autor se utiliza das expressões usadas em Êx 19,6 para qualificar o povo de Israel, com quem Deus fez uma promessa, para criar uma expressão que chama a atenção para o que de fato lhe interessava enfatizar: *hieráteuma hagion*, isto é, “sacerdócio santo”. Em relação à promessa que Deus fez a Israel e faz agora aos cristãos, para que sejam um sacerdócio santo, como dissemos, existem algumas condições. Enquanto em Êx 19, Deus impõe a condição de que Israel seja fiel à Lei, agora em I Pedro a condição é que se adira a Cristo mediante a fé. Somente a fé é a condição, logo isso gera uma abertura universal para o seguimento de Jesus, pois não depende mais do sangue, ou linhagem, todos são chamados a ter fé.¹⁴⁸

3.1.3 O sacerdócio cristão sob a ótica de I Pedro

O versículo que comentamos anteriormente (I Pe 2,9) mostra uma posição já conquistada para os cristãos, mas, ela é resultado de algo que necessita ser explicado. O autor

¹⁴⁷ Cf. VANHOYE, 1990, p. 194-195.

¹⁴⁸ Cf. VANHOYE, 1990, p. 198.

explica em versículos precedentes como a condição de “sacerdócio santo” foi conquistada para todos os que creem em Cristo e são batizados.

O trecho de I Pe 2,4-5 diz o seguinte:

Chegai-vos a ele, a pedra viva, rejeitada, é verdade, pelos homens, mas diante de Deus eleita e preciosa. Do mesmo modo, também vós, como pedras vivas, prestai-vos à construção de um edifício espiritual, para um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo.

Este trecho claramente se divide em duas partes, a saber: a) descrição da adesão a Cristo, e b) o resultado desta adesão. Entendemos assim a doutrina do sacerdócio dos crentes, com a necessidade absoluta da mediação de Cristo e nossa união a Ele. Na medida em que nos unimos a Cristo vamos nos tornando um organismo sacerdotal. Ainda que Pedro não fale de Jesus como sacerdote, é pela assimilação a Cristo que os fiéis podem oferecer sacrifícios e somente são capazes de o fazer pela mediação do mesmo Jesus Cristo.¹⁴⁹

Em I Pe 2,4 usa-se o verbo “achegar” que tem uma conotação espiritual de aproximação de fé, recebida no batismo e vivida na liturgia. São Pedro relembra o mistério da Paixão e Ressurreição ao falar da pedra viva rejeitada pelos homens e que se tornou a pedra angular. Cristo é tornado pedra angular, rejeitado pelos seus, tornou-se o único sobre o qual se pode construir um edifício espiritual. Ao se falar de “pedras” de um edifício espiritual, lembramo-nos da promessa de Deus à casa de Davi (II Sm 7). É o Cristo ressuscitado que é a verdadeira Casa de Deus e só poderia ser assim pois Deus é Espírito, é uma casa espiritual à qual nos unimos pelo Espírito Santo, mediante a fé.¹⁵⁰

Quando Pedro diz “edifício espiritual para um sacerdócio santo”, isso significa que aqui a palavra *hieráteuma*, que já comentamos o significado anteriormente, tem um sentido de função. A função do sacerdócio seria, portanto, oferecer sacrifícios, o que liga imediatamente à ideia do sacerdócio e culto antigos. Este trecho é de tamanha importância que Lutero chegou a usar I Pe 2,4-10 para negar o sacerdócio ministerial, como se fosse uma função individual, como se cada um fosse sacerdote sozinho. Porém, em todo momento Pedro está falando do *edifício, nação, povo*, todos são termos que lembram que somos sacerdotes na medida da nossa união com o Corpo de Cristo.¹⁵¹

Um cristão não é um sacerdote isolado, mas sendo membro do Corpo de Cristo é capaz de exercer pessoalmente seu sacerdócio, mesmo no meio do deserto, como tantos fizeram nos

¹⁴⁹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 200.

¹⁵⁰ Cf. VANHOYE, 1990, p. 201-202.

¹⁵¹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 203-204.

primeiros séculos da Igreja. A metáfora da “casa” faz-nos perceber que cada um tem uma função, há uma hierarquia, assim como na casa cada pedra cumpre seu papel. A respeito da casa e de todos os cristãos serem edifícios espirituais em Cristo podemos também citar Ef 2,19-22 e o texto de Rm 12,1-8 que demonstram que sendo membros do Corpo de Cristo, fazemos parte desta Casa e cada um tem seu lugar, fazemos parte do todo.¹⁵²

Não há uma abertura para se falar em igualdade em matéria de sacerdócio. Pedro não se exclui, negando o sacerdócio ministerial, ele inclui todos os fiéis como um corpo, um organismo sacerdotal, com funções diferentes para cada membro. Sobre a palavra “presbítero”, por exemplo, ainda que nos Evangelhos o sentido desta palavra esteja ligado à compreensão judaica, aqui em I Pe não é assim, pois os presbíteros são aqueles que estão à frente das comunidades. Em Atos e outras 6 epístolas, o termo presbítero aparece com a conotação cristã e ao longo dos séculos assume cada vez mais um caráter sacerdotal. A ausência do termo “presbítero” em I Pe 2,4-5, que ora comentamos, nos faz entender ao menos que o fundamento do sacerdócio cristão não são presbíteros, mas Cristo, morto e ressuscitado.¹⁵³

Tanto I Pe 2,4-5 quanto 5,1-5 começam falando da morte e ressurreição de Cristo, ou seja, o fundamento é o mesmo. A estrutura do edifício espiritual (2,4-10) que era mencionada é agora apresentada sob outra forma, como “rebanho de Deus” (5,1-5). No primeiro trecho estava implícita a estrutura necessária, enquanto no segundo trecho fica explícita, ou seja, existem os que estão à frente, colocados como pastores do povo de Deus, como aqueles que guardam este edifício espiritual, unidos a Cristo.¹⁵⁴

Quanto à ligação entre o sacerdócio e o apostolado, o anúncio do Evangelho, é importante mencionar o que é dito na Carta aos Romanos: “de ser ministro (*leiturgós*) de Cristo Jesus junto às nações, a serviço do Evangelho de Deus, a fim de que as nações se tornem oferta agradável, santificada pelo Espírito Santo” (Rm 15,16). A palavra ministro, *leiturgós*, usada aqui tem um tom fortemente cultural, apesar de não ser unicamente reservada ao culto, é uma palavra que remete a este tema, ainda mais pelo contexto aqui colocado. O sacerdócio de Paulo não se dá como o antigo sacerdócio, mas por meio da evangelização, onde o fogo do Espírito Santo pode ser colocado nos corações, não pela morte de animais.¹⁵⁵

Em I Pe 2,5 fala-se de “sacrifícios espirituais”, em oposição aos sacrifícios do Antigo Testamento. Pedro não fala em sacrifícios espirituais como se fosse um termo filosófico,

¹⁵² Cf. VANHOYE, 1990, p. 205.

¹⁵³ Cf. VANHOYE, 1990, p. 206-208.

¹⁵⁴ Cf. VANHOYE, 1990, p. 209.

¹⁵⁵ Cf. VANHOYE, 1990, p. 210-211.

abstrato, mas como um sacrifício feito pelo poder do Espírito Santo. Para o texto que ora comentamos, não parece haver de um lado o sacrifício da Eucaristia e do outro as pequenas ofertas da vida, pois, na realidade as duas se unificam. Para um cristão, o sacrifício é existencial, porque é submeter-se à vontade de Deus e a Eucaristia é o caminho para unir-se ao sacrifício de Cristo.¹⁵⁶

O contexto geral da Primeira Carta de São Pedro sugere colocar em estreita relação os sacrifícios espirituais dos cristãos e a imitação de Cristo sofredor. Toda a existência do cristão deve ser transformada em sacrifício espiritual. A celebração eucarística aparece como o momento da união com o sacrifício de Cristo. Além disso, o testemunho cristão das maravilhas de Deus aparece como uma obra de caridade profundamente sacerdotal, difunde a fé e o dinamismo do amor.¹⁵⁷

3.2 UM SACERDÓCIO REAL: O LIVRO DO APOCALIPSE

Enquanto a Primeira Carta de São Pedro mencionava o sacerdócio dos cristãos sob a ótica do povo sacerdotal, São João, autor do livro de Apocalipse, enfatiza a realeza e o sacerdócio dos cristãos. Além da citação de Ap 1,6, também o tema “sacerdócio” é mencionado em 5,10 e 20,6, sempre sob a perspectiva do sacerdócio e da realeza. No livro de Apocalipse, o tema da dignidade real e dignidade sacerdotal estão intimamente ligados.¹⁵⁸

3.2.1 Jesus Cristo no Apocalipse: figura sacerdotal?

No Apocalipse, por vezes Jesus é chamado de Rei, mas nunca de sacerdote. O texto de Ap 1,13 faz muitos pensarem se tratar de algo sacerdotal, vejamos o texto: “e, no meio dos candelabros, alguém semelhante a um Filho de Homem, vestido com uma túnica longa e cingido à altura do peito com um cinto de ouro”. Alguns pensam se tratar de vestes sacerdotais, mas não se trata disto e sim de vestes reais.¹⁵⁹

Outro texto que muito nos faz pensar é Ap 5,6, onde Cristo é apresentado como o cordeiro: “Com efeito, entre o trono com os quatro Viventes e os Anciãos, vi um Cordeiro de pé, como que imolado [...]”. Se prestarmos atenção ao contexto, podemos reconhecer uma

¹⁵⁶ Cf. VANHOYE, 1990, p. 211-212.

¹⁵⁷ Cf. VANHOYE, 1990, p. 213.

¹⁵⁸ Cf. VANHOYE, 1990, p. 215.

¹⁵⁹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 216.

estrutura sacrificial, pois, o cordeiro imolado está no trono (fase ascendente) de onde virá em socorro dos homens (descendente).¹⁶⁰ Quando São João coloca a expressão “como que imolado”, faz-nos pensar em termos rituais sacrificiais, neste sentido ele expressou o paradoxo cristão: “uma morte que nada tinha de ritual foi transformada em sacrifício perfeito, e é assim o evento decisivo da história humana” (tradução nossa)¹⁶¹.

3.2.2 O sacerdócio real dos cristãos

Retornando para o texto de Ap 1,6 que comentamos anteriormente e agora apresentamos na íntegra: “e fez de nós uma Realeza de Sacerdotes para Deus, seu Pai, a ele pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém.”. Vemos que o texto traz razões para louvar a Deus, culminando, de fato, no louvor. São João traduz a expressão *mamleket kohanim*, de Êx 19,6, literalmente, diferente de São Pedro. Enquanto São Pedro traduz como “sacerdócio real”, aqui São João traduz como duas palavras distintas “realeza de sacerdotes”, adiante trataremos pormenorizadamente desta distinção.¹⁶²

Outro ponto que merece atenção, no entanto, é o fato de que aqui a promessa já se cumpriu graças a Jesus Cristo e ela alcança todos os fieis, toda a Igreja é feita um reino e sacerdotes para Deus, tal como vimos na carta de São Pedro, ambas em contraste com a promessa de Deus a Moisés no Êxodo, que era condicionada ao seguimento da Lei. O verbo *poiéin*, do grego, que significa “fazer”, aqui significa que Cristo tem direito e capacidade de fazer sacerdotes, o que é uma prerrogativa divina, mostrando a autoridade de Jesus Cristo. Tal como Moisés no Antigo Testamento, para tornar-nos sacerdotes Jesus ofereceu um sacrifício, sua própria vida.¹⁶³ “A transformação do homem, efetuada na morte de Cristo, cumpriu seja o aspecto negativo da destruição dos pecados que o aspecto positivo de colocar em relação sacerdotal com Deus” (tradução nossa)¹⁶⁴.

Jesus Cristo é Filho de Deus e por isso oferece com tal eficácia o sacrifício, operando a mediação entre Deus e os homens. Fazendo um confronto com o texto de I Pe 2,4-10, notamos que no Apocalipse se fala de sacerdotes (plural concreto) enfatizando o sacerdócio de cada fiel cristão, não tanto como um organismo, mas cada um sendo sacerdote, capaz de oferecer sacrifícios, porque Cristo mesmo retirou os obstáculos que nos separavam de Deus. Porém,

¹⁶⁰ Cf. VANHOYE, 1990, p. 217.

¹⁶¹ VANHOYE, 1990, p. 218.

¹⁶² Cf. VANHOYE, 1990, p. 218-219.

¹⁶³ Cf. VANHOYE, 1990, p. 219-220.

¹⁶⁴ VANHOYE, 1990, p. 220.

ainda que cada um seja sacerdote, é um dom a ser exercitado na comunidade. É verdade que em Ap 1,20 há a indicação que os dirigentes da Igreja são sacerdotes a título particular, mas todos exercem seu sacerdócio de maneiras diferentes. Ainda que essa leitura de Ap 1,20 não goze de certeza entre os estudiosos, é uma maneira honesta de ler o texto.¹⁶⁵

3.2.3 O reino sacerdotal dos cristãos

Apresentaremos também as outras menções a termos sacerdotais no livro do Apocalipse, seja em 5,10 ou em 20,6, textos que analisaremos neste tópico. A segunda citação sobre o sacerdócio está em Ap 5,10 e está no contexto de uma grande visão: 4,1-11 (trata de Deus e sua glória) e 5,1-14 (trata do Cordeiro que é o único capaz de abrir o livro lacrado, que determina o curso dos eventos e faz cumprir o plano divino). Vamos ao texto de Ap 5,10 onde se encontra a menção ao sacerdócio: “Deles fizeste, para nosso Deus, uma Realeza de Sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra”.¹⁶⁶

Entre Ap 1,6 e 5,10 existe semelhanças e diferenças. Tanto em um como no outro Cristo aparece glorificado devido à sua obra redentora, com a qual atribui dignidade real e sacerdotal para os homens resgatados. Enquanto na doxologia inicial (1,6) o senhorio de Cristo é proclamado ao final, aqui (5,10) o Cordeiro é glorificado desde o início, ele tem o poder de abrir os selos e definir os acontecimentos da História. Além disso, em 5,6 se menciona que os cristãos “reinarão sobre a terra”, ora, não se trata de um reinado passivo, isto é, Deus reinando neles, mas de fato os cristãos reinando sobre a terra. Parece assim que o sacerdócio é secundário, mas o que de fato caracteriza os cristãos é a união da realeza e do sacerdócio.¹⁶⁷

No canto de Ap 5, se evoca o Cordeiro, o tema da Paixão, como dissemos, com termos cultuais e sacerdotais, numa ênfase que não pode ser vista como da realeza, mas ligada ao sacerdócio. O Cordeiro é glorificado e podemos elencar três motivos para a glorificação de Cristo: a) Cristo foi imolado, b) Derramou sangue, e c) Resgatou os homens para Deus. É verdade que a morte de Cristo substituiu a nossa morte, tal como os sacrifícios antigos, mas o ponto principal é que “mediante a oferta de sua morte, Cristo fez uma transformação sacrificial do homem, que abre a todos os homens e a todas as mulheres a possibilidade de uma relação sacerdotal com Deus” (tradução nossa).¹⁶⁸

¹⁶⁵ Cf. VANHOYE, 1990, p. 221-223.

¹⁶⁶ Cf. VANHOYE, 1990, p. 224.

¹⁶⁷ Cf. VANHOYE, 1990, p. 226.

¹⁶⁸ VANHOYE, 1990, p. 227.

Pelo sacerdócio somos capazes de nos aproximar de Deus. O tema da realeza está estreitamente unido ao do sacerdócio, pois, é na relação dos cristãos com Deus que a história será conduzida por aqueles que são sacerdotes. A forma como os cristãos exercitam este sacerdócio é que agora podem entrar no santuário e realizar seu culto de adoração, pois lhes é assegurada uma proteção especial. Sobre o reinado dos cristãos, este não comporta ausência de dificuldades, pois as tribulações estão presentes, mas a capacidade de suportar vem de Deus. A vitória dos cristãos está baseada na Paixão vitoriosa de Cristo, pois é no sangue de Cristo que vencemos, depois, imitando Cristo que se entregou, damos testemunho do mesmo Jesus.¹⁶⁹

O último texto de Apocalipse que menciona o tema sacerdotal está quase no final do livro, cujo trecho transcrevemos: “Feliz e santo aquele que participa da primeira ressurreição! Sobre estes a segunda morte não tem poder; eles serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e com ele reinarão durante mil anos.” (Ap 20,6). Há neste texto uma esperança, que contém três aspectos: a) negativo, já que sobre os cristãos não tem poder a segunda morte; b) positivo, o ser sacerdote; e c) positivo, o ser rei. Não terá poder sobre os cristãos a segunda morte, ou seja, tal como Jesus que ressuscitou, também os cristãos revividos serão capazes de cultuar a Deus. Neste sacerdócio celeste a relação com Deus é muito mais estreita, ainda mais se for um mártir.¹⁷⁰

Vimos que é dito que os cristãos são “sacerdotes de Deus e de Cristo”, o que é importante, já que Cristo aparece como a fonte desse sacerdócio, pois, pela sua obra que fomos feitos sacerdotes, mas é também o fim do nosso culto, Cristo e o Pai. Sobre os “mil anos” que os cristãos reinariam, há interpretações diversas, mas o que nos interessa é o sentido profundo do termo, a saber, que vivendo com Cristo os mártires e santos morreram com Ele e também com Ele estão na glória, exercitando o sacerdócio e a realeza, daí o fundamento do culto e intercessão dos santos.¹⁷¹

O sacerdócio existe para colocar os homens em relação com Deus e podemos fazer uma comparação clara entre o sumo sacerdócio no Antigo Testamento e o modo como o Apocalipse apresenta os fiéis uma vez elevados à glória de Deus.

À semelhança do sumo sacerdote, que levava sobre a fronte um diadema de ouro com a inscrição “Consagrado a Iahweh” os eleitos terão “o nome de Deus sob suas fronteiras”, mas a sua intimidade com Deus superará, sem confronto, tudo aquilo ao qual podia aspirar o sumo sacerdote. Essa realizará em plenitude o ardente desejo que se exprimia no culto antigo, mas que não era possível satisfazer, nem mesmo na liturgia do grande

¹⁶⁹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 228-230.

¹⁷⁰ Cf. VANHOYE, 1990, p. 231-232.

¹⁷¹ Cf. VANHOYE, 1990, p. 233-235.

dia da Expição. Admitidos à presença de Deus, seus servidores “verão a sua face”. A este cumprimento perfeito do sacerdócio, o Apocalipse não deixa de unir o cumprimento do reino, adicionando como últimas palavras desta última visão: “E reinarão pelos séculos dos séculos” (Ap 22,5) (tradução nossa).¹⁷²

Fica claro em toda nossa explanação sobre o Apocalipse, visto sob a ótica do tema sacerdotal, que aqui se faz uma ligação muito forte entre sacerdócio e realeza. Apresenta o tema sempre dentro de cantos de louvor ou doxologias, algo glorioso, e não usa termos cultuais, tal como na Carta aos Hebreus. São João, no Apocalipse, apesar de por vezes apresentar imagens que nos levam a pensar num culto, não usa a linguagem ritual, não fala de Cristo que se ofereceu a si mesmo, e assim também apresenta o sacerdócio dos cristãos em termos que exprimem sua grandeza, sua eleição, mas em termos próximos à concretude da existência.

O contexto em que escreveu o livro era de perseguição aos cristãos e São João quer recordar a grande dignidade que todos os cristãos têm pelo que Deus fez em nosso favor. “Para explicar de que modo se exercita o sacerdócio dos cristãos, o Apocalipse não usa o vocabulário sacrificial. [...] Prefere o vocabulário realístico, que fala de constância e de fidelidade, de tribulação, de abate e de decapitação, sobretudo de vitória” (tradução nossa)¹⁷³. Com o que dissemos sobre a Primeira Carta de Pedro e o Apocalipse, temos ocasião de investigar o sacerdócio de Cristo tal como é apresentado no Magistério da Igreja e vivido pelos fiéis, conforme a todo nosso estudo bíblico precedente.

3.3 SACERDÓCIO COMUM E SACERDÓCIO MINISTERIAL

Ao longo de nosso trabalho, desde o primeiro capítulo vimos que o sacerdócio sempre esteve presente, desde o Antigo Testamento até o Novo Testamento, em Jesus Cristo e nos seus discípulos. Em nosso último passo da pesquisa, abordaremos o tema do único sacerdócio de Cristo, agora com uma atenção especial também ao que o Magistério da Igreja nos ensina, e veremos como deste sacerdócio todos os fiéis participam, de duas formas diferentes: comum e ministerial. Veremos as diferenças e aproximações entre os dois tipos de participação no sacerdócio de Cristo, para que fique clara a atualidade do trabalho que ora nos ocupa.

¹⁷² VANHOYE, 1990, p. 236.

¹⁷³ VANHOYE, 1990, p. 237.

3.3.1 Único sacerdócio participado

Como vimos anteriormente, na Carta aos Hebreus nos é apresentado o sacerdócio de Cristo sob uma perspectiva bíblico-teológica muito rica, a partir dela podemos chegar à certeza que, de fato, “temos um sumo sacerdote junto do Pai”, Jesus Cristo, que intercede por nós. O sacrifício que ele ofereceu é único e perfeito, não há necessidade de nenhum outro, pois ele lavou os pecados de toda a humanidade. Cristo então instituiu seus apóstolos como sacerdotes e tantas vezes colocou-se como exemplo. A autoridade que eles teriam seria a do serviço, como Cristo mesmo deu o exemplo, aquele que serve, dá a sua vida pelos seus.¹⁷⁴

O sacerdócio de Cristo tem três características principais que depois serão transmitidas a todos os batizados, a saber: ser profeta, sacerdote e rei, simultaneamente. Jesus é profeta, pois ensina e no fim de sua vida terrena demonstra mais claramente que veio dar testemunho do Pai. Jesus é rei, pois, no seu sacrifício, conquista a autoridade para dirigir a Igreja, sua autoridade é atuada mediante o amor, só faz o bem, jamais se vinga, seu poder e realeza é serviço. Jesus é sacerdote, pois, doa a própria vida de uma vez por todas e institui a Eucaristia como memorial perpétuo de seu sacrifício e amor.¹⁷⁵

Todo nosso estudo bíblico quer evidenciar e pormenorizar uma verdade doutrinal já apresentada no Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, na qual a Igreja afirma o sacerdócio comum e o sacerdócio ministerial provindos de Cristo¹⁷⁶. O *Catecismo da Igreja Católica*, no entanto, trouxe de forma fundante o fato de que Cristo é o único sacerdote, e se todos somos sacerdotes após batizados, é porque nos unimos a Ele, somos ligados ao próprio Senhor Jesus.

Todas as prefigurações do sacerdócio da Antiga Aliança encontram seu cumprimento em Cristo Jesus, «um só mediador entre Deus e a humanidade» (*1 Tm 2, 5*). Melquisedec, «sacerdote do Deus Altíssimo» (*Gn 14, 18*), é considerado pela Tradição cristã como uma prefiguração do sacerdócio de Cristo, único «Sumo-Sacerdote segundo a ordem de Melquisedec» (*Heb 5, 10; 6, 20*), «santo, inocente, sem mancha» (*Heb 7, 26*), que «com uma única oblação, tornou perfeitos para sempre os que foram santificados» (*Heb 10, 14*), isto é, pelo único sacrifício da sua cruz. O sacrifício redentor de Cristo é único, realizado uma vez por todas. Não obstante, torna-se presente no sacrifício eucarístico da Igreja. O mesmo acontece com o único sacerdócio de Cristo: torna-se presente pelo sacerdócio ministerial, sem diminuir em nada a

¹⁷⁴ Cf. GALOT, 1981, p. 12-13.

¹⁷⁵ Cf. GALOT, 1981, p. 38-42.

¹⁷⁶ Cf. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição *Lumen Gentium*. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos da Igreja), n. 10.

unicidade do sacerdócio de Cristo: «por isso, somente Cristo é verdadeiro sacerdote, sendo os outros seus ministros» (17). (CEC, § 1544-1545)¹⁷⁷

Interessa-nos salientar este mistério da unicidade e unidade do sacerdócio de Cristo. Ainda que na Igreja se fale de muitos sacerdotes, mais ainda, se diga que todos somos sacerdotes, há um único sacerdote, Jesus Cristo. Só podemos falar que os cristãos são sacerdotes na medida em que entendemos que só o somos na participação do único sacerdócio de Cristo. Essa participação nos leva à unidade, ou seja, quanto mais próximos de Jesus, melhor participamos do seu mistério e o fazemos em uma família, uma comunidade que junta vive seu sacerdócio, de diversas maneiras, mas na unidade, porque a fonte é uma só, Cristo.

Como vimos quando estudamos a Primeira Carta de São Pedro e o livro de Apocalipse, os cristãos são um “reino de sacerdotes”, cada um de nós exerce este sacerdócio de forma diversa. Segundo o Catecismo, cada fiel batizado participa, segundo sua própria vocação, do sacerdócio, da realeza e do profetismo de Jesus Cristo¹⁷⁸. Com os elementos que ora apresentamos, resta evidente que a fonte da qual brota o sacerdócio na Igreja é única, Jesus Cristo, que em sua morte e ressurreição transformou a humanidade, a fez capaz de se relacionar com Deus e operando a mediação, instituiu um povo sacerdotal, sua Igreja.

3.3.2 Sacerdócio comum e ministerial: Diferenças e aproximações

O Catecismo da Igreja Católica nos diz claramente que o único sacerdócio de Cristo é participado de formas diversas pelos fiéis cristãos. As duas formas são: sacerdócio comum e sacerdócio ministerial. Pelo batismo, todos os cristãos participam do sacerdócio comum, ou também chamado, batismal. Pelo sacramento da Ordem, alguns homens dentre os batizados são consagrados para um sacerdócio chamado ministerial ou hierárquico. Entre os dois tipos de sacerdócio existem aproximações e diferenças, importantes para nossa pesquisa.

No parágrafo 1547 do *Catecismo da Igreja Católica* fica muito clara a distinção entre os dois tipos de participação no único sacerdócio de Cristo, por essa razão citamos o texto na íntegra e depois comentamos com detalhes os aspectos teológicos de tal diferenciação.

O sacerdócio ministerial ou hierárquico dos bispos e dos presbíteros e o sacerdócio comum de todos os fiéis – embora «ambos participem, cada qual a seu modo, do único sacerdócio de Cristo» (20) – diferem, entretanto, essencialmente, mesmo sendo

¹⁷⁷ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Congregação Para a Doutrina da Fé. 19. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

¹⁷⁸ Cf. CEC, § 1546.

«ordenados um para o outro» (21). Em que sentido? Enquanto o sacerdócio comum dos fiéis se realiza no desenvolvimento da graça batismal – vida de fé, esperança e caridade, vida segundo o Espírito – o sacerdócio ministerial está ao serviço do sacerdócio comum, ordena-se ao desenvolvimento da graça batismal de todos os cristãos. É um dos *meios* pelos quais Cristo não cessa de construir e de conduzir a sua igreja. E é por isso que é transmitido por um sacramento próprio, que é o sacramento da Ordem.¹⁷⁹

O texto é bem conciso, apresentando de forma resumida muitas questões importantes, que agora tentaremos elucidar, por vezes retornando a temas já tratados ou trechos bíblicos já citados, mas que agora terão ainda maior clareza. Do que já foi dito, podemos perceber que há distinção entre os dois tipos de sacerdócio, mas não há separação, existem relações entre eles, mas sem confusão, o que precisamos é dar a ambos o seu devido valor.

O fundamento do sacerdócio comum vem de uma diferença fundamental entre o sacerdócio cristão e o sacerdócio do Antigo Testamento. Como vimos no capítulo primeiro de nossa pesquisa, o sacerdócio antigo era marcado por uma série de separações rituais pelas quais o sumo sacerdote se tornaria digno de apresentar-se diante do Senhor uma vez ao ano para oferecer o sacrifício de expiação. Em Cristo, no entanto, todas as separações são desfeitas, Ele se torna um de nós, assume nossa carne e é solidário à humanidade até à morte. As separações que havia entre o homem e Deus, Cristo as aboliu e, de fato, uma vez que isso acontece, todos os fiéis são, de certa forma, elevados à dignidade sacerdotal.¹⁸⁰

Outro aspecto importante do sacerdócio antigo era a oferta de sacrifícios, necessários e diversos, agora todos os cristãos são chamados a oferecer também seus sacrifícios a Deus. Os sacrifícios dos cristãos, contudo, são de um novo tipo, são a oferta da própria existência, são uma oferta real, concreta. O sacrifício de Cristo foi sua obediência à vontade do Pai, sua adesão concreta, um sacrifício pessoal (cf. Ef 2,8, Rm 5,19). Outro aspecto é que o sacrifício de Cristo foi um ato de extrema solidariedade para com todos os homens, e da mesma forma todos os cristãos são chamados a viver a caridade, o amor aos outros, este será o sacrifício querido por Deus. O que agrada ao Senhor são os “sacrifícios espirituais” (I Pd 2,5).¹⁸¹

Já dissemos anteriormente, mas agora ficará ainda mais claro. Quando o autor da Carta aos Hebreus utiliza o termo *teleioun* em grego, o sentido é de “consagração”, tal como era usado no Antigo Testamento. No caso da consagração de Cristo, em Hb 5,9 – “Cristo foi feito perfeito” – o verbo é usado de forma passiva, mas a consagração não se aplica somente a ele, como

¹⁷⁹ CEC, § 1547.

¹⁸⁰ Cf. VANHOYE, Albert. *Sacerdoce commun et sacerdoce ministériel. Distinction et rapport*. Nouvelle Revue Théologique. 97, n. 03, 1975, p. 193-207.

¹⁸¹ Cf. VANHOYE, 1975.

também ao povo, já que em Hb 10,14 – “Cristo tornou perfeito” – se usa o mesmo verbo de forma ativa, isto é, Cristo consagrou aqueles que nele creem. Isto aconteceu porque a consagração de Cristo foi uma transformação do homem, não de um homem, mas de todos os homens, exceto aqueles que se fecham a este ato.¹⁸²

O fundamento do sacerdócio comum dos fiéis aparece, pois, em I Pe 2,5 quando se usa a palavra *hieráteuma*, com um significado concreto para o sacerdócio, não individual, mas comum, sacerdócio exercido por todo o Corpo de Cristo unido. Isso é o mais importante, a relação dos membros com Cristo, pois, todos os sacrifícios só podem ser oferecidos por Jesus Cristo, Ele é o mediador. Neste sentido, diferenciamos dois aspectos do seu sacerdócio: o aspecto do culto e o da mediação.

O aspecto do culto o entendemos como a capacidade que Cristo dá a todos os fiéis serem admitidos ao contato com Deus e poder oferecer seus sacrifícios, abrindo sua existência concreta à transformação que Deus quer operar em suas vidas. O aspecto da mediação é próprio e exclusivo de Cristo, tal como vemos em I Tm 2,5 – “Pois há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus”. Ora, o primeiro aspecto depende do segundo, ou seja, só podemos cultuar a Deus por meio de Cristo, contando com sua mediação sacerdotal.¹⁸³

Por causa da relação que existe entre o duplo aspecto do sacerdócio de Cristo é que temos também dois tipos, entre os quais o sacerdócio ministerial. Este é a manifestação objetiva da mediação de Cristo em nossa vida, a função do sacerdócio ministerial é manifestar a presença de Cristo como mediador, atualizando sua presença através dos tempos e lugares. Recebem a autoridade de Cristo para serem seus ministros, celebrando seus mistérios, são servos de Cristo.¹⁸⁴

O sacerdócio ministerial é secundário e essencial. Parece contraditório, mas não o é, pois, é secundário ou subordinado porque não é fim em si mesmo, mas é o meio de relação entre Cristo e os fiéis, está ao serviço do sacerdócio comum. O sacerdócio ministerial existe para fazer que o sacerdócio comum alcance seu objetivo, isto é, entregar a existência a Jesus, numa oferenda concreta, agradável a Deus. O sacerdócio ministerial é também essencial, porque sem ele a existência dos cristãos e seu culto não teriam a atuação da necessária mediação de Cristo, por isso não seria eficaz. A mediação sacramental que só se manifesta pelo sacerdócio ministerial é que garante que todos os fiéis alcançam a Deus com seus sacrifícios, negar esta

¹⁸² Cf. VANHOYE, 1975.

¹⁸³ Cf. VANHOYE, 1975.

¹⁸⁴ Cf. VANHOYE, 1975; GALOT, 1981, p. 125.

mediação seria recusar a atuação de Cristo e retornar ao subjetivismo e individualismo religioso, o que não está de acordo com a Encarnação do Verbo e o entendimento da Igreja como Corpo de Cristo.¹⁸⁵

3.3.3 Sacerdócio cristão: mistério de comunhão

Os dois aspectos do sacerdócio de Cristo – mediação e culto – são pontos interessantes para colocar a questão da comunhão entre os cristãos. A mediação de Cristo não consiste somente em colocar cada batizado em comunhão com Deus, senão que também visa a união dos crentes como um único povo, congregados em torno ao Senhor como um povo sacerdotal. Assim como o sacrifício de Cristo foi feito por amor total a Deus e aos homens, também sua mediação envolve as duas realidades e nos envolvem como um todo.

O sacerdócio ministerial surge, então, como um instrumento de comunhão, pois, assim como vimos que Lutero se utilizou dos textos que falavam do sacerdócio comum para conceber um sacerdócio individualizado, o sacerdócio ministerial na Igreja cumpre o papel de unificar e estruturar o Corpo de Cristo, a Igreja. O sacerdócio ministerial é também chamado de hierárquico, isto é, faz parte de uma ordem onde existe aqueles que dirigem e aqueles que são dirigidos. Como vimos, são ministros, portanto, seu poder vem de Cristo e seu poder de direção, assim se crê, vem do próprio Senhor. Na Igreja, o sacerdócio ministerial ou hierárquico conduz os fiéis, sob o olhar de Cristo, para que haja unidade.¹⁸⁶

Há que se dizer que o sacerdócio comum, sendo fruto da união com Cristo mediante o batismo, é participado por todos os membros deste Corpo, ou seja, inclui os ministros. Leigos e sacerdotes, todos participam do sacerdócio comum e são chamados a exercê-lo, nisso todos são irmãos.

Se não o exercessem, a sua união com Cristo não seria real, pessoal, existencial. Na verdade, o próprio sacerdócio ministerial inclui um apelo para exercer o sacerdócio real, ou seja, para se unir ao sacrifício de Cristo pela oferta de toda a sua vida. Os relatos evangélicos de vocação não separam os dois aspectos: Cristo chama seus apóstolos para um compromisso pessoal e, por outro lado, lhes dá poderes que não são humanos. (Tradução nossa)¹⁸⁷

¹⁸⁵ Cf. VANHOYE, 1975, p. 06-07; GALOT, 1981, p. 124.

¹⁸⁶ Cf. VANHOYE, 1975., p. 07.

¹⁸⁷ VANHOYE, 1975, p. 204-205.

A comunhão a que nos referimos é também manifestada neste compromisso que todos os cristãos têm diante de Deus, isto é, viver seu sacerdócio contínuo e verdadeiro, em palavras e ações, oferecendo sacrifícios reais, pessoais, que sejam agradáveis ao Senhor. Desde os leigos aos ministros da Igreja, padres e bispos. Ao celebrar uma missa, o padre é sinal e instrumento de Cristo mediador que se oferece ao Pai e une os crentes à sua oferta. Quando o padre pronuncia as palavras da consagração, ele age na pessoa de Cristo – *in persona Christi* – mas ao celebrar este mistério, o padre mesmo é chamado a aderir a este mistério. Ele pode celebrar a missa vivendo a entrega a Cristo que o sacerdócio comum pede, ou pode celebrar com uma “vontade mortal de vingança contra uma pessoa que o ofendeu. A missa não será inválida: os fiéis poderão unir-se a ela no sacrifício de Cristo. O padre terá exercido seu sacerdócio ministerial enquanto se recusou a exercer o sacerdócio comum”.¹⁸⁸

De tudo o que dissemos, parece-nos claro que tanto o sacerdócio ministerial quanto o comum provêm da mesma fonte, Jesus Cristo, mas são diferentes ontologicamente, isto é, essencialmente e não somente acidentalmente. Do sacerdócio comum participam todos os batizados, todos chamados a oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus, uma vida santa, na procura da verdade e do bem, vivida na caridade. Do sacerdócio ministerial participam alguns que assim foram chamados a exercer a função de sinal da mediação sacramental de Cristo no hoje da Igreja, pelos sacramentos, pela pregação e pelo governo da Igreja.

Não são sacerdócios em oposição, mas instrumentos para a comunhão, no culto cristão autêntico, cujo fim último é sempre “transformar o mundo por meio da caridade divina” (Tradução nossa)¹⁸⁹. No mistério do sacerdócio de Cristo encontramos uma síntese para a vida cristã: o amor filial e obediente a Deus e solidariedade extrema com os irmãos, este é o caminho para o fiel cristão, a caridade verdadeira.

¹⁸⁸ Cf. VANHOYE, 1975, p. 09; GALOT, 1981, p. 120-122.

¹⁸⁹ VANHOYE, 1990, p. 243.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de todo o trabalho que ora concluímos, vimos que existem diferenças e aproximações entre as várias concepções teológicas e bíblicas sobre os temas que tratamos. O sacerdócio, por exemplo, existe para sanar uma situação real, concreta, a saber, a distância que existe entre o homem e Deus. Toda a finalidade do sacerdote é transpor esta distância, esta separação, seja no Antigo Testamento que no Novo Testamento. Resta-nos claro que o sacerdócio é uma realidade instituída e querida por Deus, tanto na Antiga quanto na Nova Aliança, vivido de diversas maneiras, mas tendo como fonte, o único e mesmo Senhor.

O sacerdócio antigo respondeu a uma necessidade do povo de Israel, respondeu a uma instituição feita pelo próprio Senhor. A distância entre o povo e Deus existia e precisava ser atenuada, por isso foram consagrados homens para o serviço do sacrifício, homens que se dedicariam em tempo integral para o serviço sacrificial. Essa consagração acontecia por numerosas separações rituais, desde a eleição de um povo, até a eleição de uma tribo, escolha de uma família específica e finalmente a morte de um animal para realizar a passagem do mundo humano para o mundo divino, no lugar do sacerdote que oferecia. Essas separações eram necessárias para o culto do Antigo Testamento e era guardada com muito zelo pelos israelitas.

Ao longo do tempo, o sacerdócio foi adquirindo prestígio e autoridade cada vez maiores. Não somente poder religioso, isto é, de culto, mas também poder de governo, pois os sumos sacerdotes começaram a exercer influência nas decisões. Sumo Sacerdote era sinal de autoridade religiosa e de governo, tanto assim que no tempo de Jesus o sumo sacerdote, junto com o Sinédrio, é que decidiu pela condenação de Cristo, pois sua condenação foi religiosa. Cristo veio trazer o verdadeiro sacerdócio, atacava a deturpação do sacerdócio querido pelo Pai, que se tornou apenas uma forma de angariar poder, seja civil ou religioso. Jesus criticava duramente os sacerdotes que faziam todos os rituais prescritos, porém, não tinham um coração transformado pelo amor a Deus e aos irmãos, que é o resumo de toda a Lei.

As tensões entre Cristo e o sistema sacerdotal de Israel eram muito grandes, até culminar com sua morte. A morte de Jesus na cruz nada teve de ritual, não poderia ser assim, pois aconteceu fora dos muros de Jerusalém, não tinha animais, não tinha sacerdote, porém, foi o único e supremo sacrifício. Este paradoxo é um dos muitos paradoxos cristãos, e como vimos ao longo de todo o segundo capítulo de nosso trabalho, Cristo é verdadeiramente sacerdote e vítima, não como o Antigo Testamento instituiu, mas sob uma nova ótica, aquela do verdadeiro sacerdócio. Nos Evangelhos e nas cartas de Paulo jamais se encontrará página onde Jesus seja

chamado de “sacerdote” ou “sumo sacerdote”, pois, para os primeiros cristãos era muito difícil conceituá-lo assim. O arcabouço bíblico para o termo sacerdote exigia uma série de realidades que não se aplicavam a Cristo, sendo a primeira e mais evidente a questão hereditária, pois Cristo era da tribo de Judá, não de Levi, sendo assim jamais seria sacerdote aos moldes do Antigo Testamento.

O único escrito do Novo Testamento que aplica a Cristo o título de sacerdote é a Carta aos Hebreus que faz uma cristologia sacerdotal muito profunda, retomando temas do Antigo Testamento e confrontando à revelação de Cristo. O autor da Carta aos Hebreus leva-nos a perceber que ainda que a catequese cristã primitiva não nomeie Jesus como sacerdote, jamais o nega, fazia parte da revelação, mas não tinham ainda os elementos suficientes para esclarecer todo este tema. Na carta aos Hebreus fica evidenciado que Jesus Cristo é sacerdote, com características que são apresentadas ao longo de toda a Carta.

Jesus Cristo tem um sacerdócio com autoridade, pois é “digno de fé”, assim como Moisés era digno de fé em toda a casa de Israel, também Cristo é digno de fé em toda a Casa de Deus, pois cumpre em tudo a vontade do Pai. Cristo é apresentado como o construtor da casa de Deus, em contraposição a Moisés que fazia parte da casa de Deus, ora, o construtor é superior à casa, assim Cristo é superior a Moisés, demonstrando que a autoridade de Jesus é superior à mosaica. Enquanto Moisés falava face a face com Deus, Jesus Cristo é o próprio Deus falando com a humanidade, é a Encarnação de Deus. O sacerdócio de Cristo é misericordioso, pois, se faz em tudo semelhante a seus irmãos, sofre nossa morte para que possamos experimentar a sua vida. Repleto de solidariedade, Cristo se faz igual a nós, algo inimaginável para o sacerdócio antigo, que queria se diferenciar o máximo possível de seus irmãos. Seu sacerdócio, afinal, é eterno, não será necessário que tenha outros sacrifícios nem que o sacerdócio seja passado de geração em geração, como na tribo de Levi, pois que uma vez entronizado no Céu como Sumo sacerdote, Jesus continua sendo sacerdote mediador junto a seu Pai por todos nós.

Cristo foi chamado ao sacerdócio tal como Aarão o foi, conduzido ao sacrifício e entregou-se a si mesmo, não por coação, mas por sua vontade e obediência filial ao Pai que fez que sua oferenda fosse agradável. Após o sacrifício de Cristo nenhum outro é necessário, pois este é suficiente. O sacerdócio de Cristo é segundo a ordem de Melquisedec, não segundo a ordem levítica, isto significa que é de uma natureza outra que foi prefigurada apenas nas duas passagens (Gn 14,18-20 e Sl 110) em que se menciona o personagem Melquisedec. Ele não tem genealogia, não se fala de nascimento nem de morte, é sacerdote do Deus altíssimo e recebe o

dízimo do próprio Abraão, assim também Cristo tem um sacerdócio que é eterno, sem fim, que não vem hereditariamente, mas pela consagração do próprio Deus.

Podemos dizer, portanto, que houve uma consagração de Cristo no altar da cruz, ali entregando sua vida ao Pai, foi consagrado sacerdote e ao mesmo tempo foi vítima, morreu e ressuscitou, foi glorificado e está junto do Pai, nos céus intercedendo pelos homens. A glória de Cristo é a glória que cada cristão busca em sua vida de fé, a vitória sobre a morte que vem pela fé em Jesus. À promessa feita ao povo de Israel, no Antigo Testamento, temos uma reminiscência no Novo Testamento, tanto na carta de São Pedro quanto no Apocalipse, apresentando os fiéis cristãos como sacerdotes, um povo sacerdotal. Das condições impostas para Israel temos agora somente a fé como condição fundamental para que se viva o verdadeiro sacerdócio cristão, crer em Jesus e ser batizado, este é o essencial.

O povo cristão é apresentado, seja na Primeira Carta de São Pedro, seja no Apocalipse, como um povo sacerdotal, consagrado pelo próprio Cristo, pois, a transformação que ocorreu no coração do homem Jesus alcança a todos os homens que participam do Corpo de Cristo, a Igreja. Essa participação vem pelo batismo, sacramento da entrada na vida cristã. Por ele, todos somos sacerdotes, profetas e reis, tal como Cristo. Do Batismo nos advém o chamado sacerdócio comum, aquele que é partilhado por todos batizados, e que nos faz capaz de oferecer sacrifícios a Deus, não rituais, mas existenciais, reais, concretos. Oferecer a vida a Deus, com as labutas e alegrias de cada dia, este é um diferencial cristão, mas só o podemos fazer porque temos Cristo como mediador da Nova Aliança, Ele é o único e eterno sacerdote.

Ainda que o sacerdócio comum seja real, não significa que o sacerdócio ministerial seja menos importante, pois, na economia da salvação, o sacerdócio ministerial é a presença atual do Cristo no meio de seu povo, da mediação sacramental de Jesus que comunica sua graça e faz que o sacerdócio comum alcance sua meta, a santidade dos batizados. Todos esses pontos nos fazem refletir sobre o sacerdócio de cada um que faz parte deste “povo sacerdotal”. O sacerdócio cristão é o amor de Deus que se comunica a nós e nos faz capazes de alcançá-lo, sacerdócio comum e ministerial são duas formas de participação no único sacerdócio de Cristo. Sacerdócio ministerial é grande e humilde, pois é Cristo que age na pessoa do sacerdote e por isso mesmo este não pode se atribuir a glória, pois é tudo de Deus. Sacerdócio comum é grande e humilde, pois é um culto autêntico, uma oferta de vida, mas deve reconhecer que não é autossuficiente, precisa da mediação do sacerdote. Tudo isso pode ajudar os cristãos a viverem melhor sua fé, num culto autêntico e sincero a Deus.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2013.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Congregação Para a Doutrina da Fé. 19. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição ***Lumen Gentium***. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos da Igreja)

El sacerdocio en la Sagrada Escritura. (Tradução nossa). Disponível em: <<https://shortlurl.com/elsacerdocioenlasagradaescritura>>. Acesso em: 01 de abril de 2023.

GALOT, Jean. **Teología del sacerdocio.** Libreria Editrice Fiorentina: Firenze, 1981. (Nuova Collana di Teologia Cattolica, v. 14).

GARCÍA-MORENO, Antonio. *Teologia bíblica del sacerdocio. Aspectos Joanneos.* In MATEO-SECO y otros (eds), *La formación de los sacerdotes en las circunstancias actuales.* Pamplona, 1990.

HAHN, Scott; MITCH, Curtis; WALTERS, Dennis. **A carta aos hebreus:** cadernos de estudo bíblico. Trad. Rafael Tavares. Campinas: Ecclesiae, 2020.

McKENZIE, John L. **Dicionário bíblico.** Trad. Álvaro Cunha *et.al.* São Paulo: Paulus, 1983. Coleção Dicionários.

VANHOYE, Albert. ***La novedad del sacerdocio de Cristo.*** Disponível em: <<https://shortlurl.com/lanovedaddelsacerdociodecristo>>. Acesso em: 01 de abril de 2023.

VANHOYE, Albert. ***Sacerdoce commun et sacerdoce ministériel. Distinction et rapport.*** Nouvelle Revue Théologique. 97, n. 03, 1975, p. 193-207.

VANHOYE, Albert. *Sacerdoti Antichi e Nuovo Sacerdote: Secondo il Nuovo Testamento*. Editrice Elle di Ci: Leumann (Torino), 1990.

WILLI-PLEIN, Ina. **Sacrifício e Culto no Israel do Antigo Testamento**. Trad.: Antonius Fredericus Stein. São Paulo: Edições Loyola, 2001.